

VILMA MARIA ZOTARELI

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SEXUAL ENTRE ALUNOS DE UMA
UNIVERSIDADE PAULISTA**

Dissertação de Mestrado

**ORIENTADOR: Prof. Dr. ANIBAL FAÚNDES
CO-ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA JOSÉ DUARTE OSIS**

**Unicamp
2010**

VILMA MARIA ZOTARELI

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SEXUAL ENTRE ALUNOS DE UMA
UNIVERSIDADE PAULISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de Ciências
Médicas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do Título de
Mestre em Tocoginecologia, área de
Ciências Biomédicas

ORIENTADOR: Prof. Dr. ANIBAL FAÚNDES
CO-ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA JOSÉ DUARTE OSIS.

**Unicamp
2010**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

Z78v Zotareli, Vilma Maria
 Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade paulista / Vilma Maria Zotareli. Campinas, SP : [s.n.], 2010.

 Orientadores : Aníbal Faúndes, Maria José Duarte Osis
 Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
 Faculdade de Ciências Médicas.

 1. Violência contra a mulher. 2. Violência sexual. 3. Ética. 4.
 Estudantes universitários. I. Faúndes, Anibal. II. Osis, Maria José
 Duarte. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
 Ciências Médicas. IV. Título.

Título em inglês: Sexual and gender violence among students from a Brazilian University.

Keywords: • Violence against woman
 • Sexual violence
 • Ethics
 • University students

Titulação: Mestre em Tocoginecologia
Área de concentração: Ciências Biomédicas

Banca examinadora:
 Prof. Dr. Aníbal Faúndes
 Prof. Dr. Aloísio José Bedone
 Profa. Dra. Carmen Simone Grilo Diniz

Data da defesa: 22 de fevereiro de 2010

Diagramação e arte final: Assessoria Técnica do CAISM (ASTECC)

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

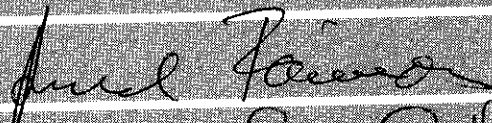
Aluna: VILMA MARIA ZOTARELI

Orientador: Prof. Dr. ANIBAL FAÚNDES

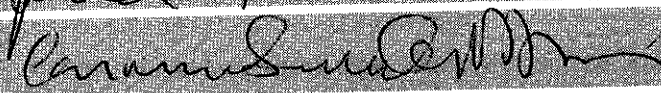
Co-Orientadora: Profa. Dra. MARIA JOSÉ DUARTE OSIS

Membros:

1.



2.



3.



Curso de Pós-Graduação em Tocoginecologia da Faculdade
de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

Data: 22/02/2010

201013708

Dedico este trabalho...

*Aos meus pais, Delcio e Darci,
pelo exemplo de vida, trabalho, incentivo aos estudos e amor pela família.*

*Ao Airton, meu marido,
pelo amor, cumplicidade, companheirismo e paciência.*

*Às minhas queridas irmãs, Daily e Suzana,
por estarem presentes em cada capítulo da minha história.*

*Aos meus queridos sobrinhos e afilhados:
Dezerrê, Gabriel, Clara, Lucas, Victor, Leonardo, Giovanna, Marcelo,
por serem luz e motivação em minha vida.*

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pelas bênçãos derramadas em minha vida, pela família em que tive o privilégio de nascer, pelo marido tão querido e amigos tão especiais.

Ao meu querido e admirado orientador Prof. Dr. Aníbal Faúndes, maior exemplo de pessoa e profissional que tenho em minha vida. Pelo constante incentivo para que eu me tornasse uma pessoa e uma profissional melhor. Por toda a paciência, por todo ensinamento, por todas as oportunidades e, sobretudo, por toda confiança depositada em mim ao longo desses 24 anos de convivência e aprendizado, minha eterna gratidão.

A minha querida co-orientadora, Profa. Dra. Maria José Duarte Osis, pelo carinho, paciência infindável, sabedoria, discernimento, por me tranquilizar nos momentos de maior angústia. Pela árdua missão de ensinar alunos com pouca experiência como eu, mas que faz com tanto amor e carinho, que torna a tarefa do aprendiz muito mais fácil.

À Prof^a. Dr^a. Ellen Hardy, mestre e profissional com quem aprendi muito, por todos esses anos de ensinamento, amizade e carinho e pelas contribuições valiosas dada para a finalização do projeto de pesquisa.

À Dra. Lúcia Paiva, Dr. Aloísio Bedone e Dra. Arlete Fernandes pelas contribuições dadas durante a qualificação para o aprimoramento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. José Guilherme Cecatti, por ter permitido que eu me envolvesse e descobrisse o mundo apaixonante da pesquisa.

À Graciana Alves Duarte, pela amizade, pelo apoio, pelo carinho e pelo incentivo e motivação e, sobretudo, pelo empenho para que esta pesquisa fosse realizada.

À Karla Simonia de Pádua, por seu constante incentivo, boa vontade e ajuda incomensurável na preparação da apresentação da aula. Minha eterna gratidão.

À Maria Helena de Sousa, por sua competente contribuição na análise estatística dos dados.

A toda minha família e amigos por compreenderem as ausências e falta de tempo durante a preparação deste trabalho.

A minha amiga-irmã Silvana Bento, por seu exemplo, carinho e, principalmente, amizade sincera ao longo dos últimos 33 anos. Minha eterna admiração.

A minha amiga-irmã Márcia Marini, pela amizade, carinho, cumplicidade e pelas oportunidades que me ofereceu na vida, começando por ter indicado meu nome para trabalhar no Cemicamp. Minha eterna gratidão.

A minha amiga-irmã Lúcia Brito, por ter me tranquilizado em momentos de angústias e incertezas. Minha eterna amizade e admiração.

As minhas queridas amigas do Cemicamp Cecília, Lusia, Márcia Alice, Adriana e Silvana Muller, por compartilharem o cotidiano comigo e por me ajudarem de tantas formas e maneiras que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do Curso de Pós-Graduação pela competência, eficiência e contribuição dada com ideias e sugestões para a finalização do projeto de pesquisa e a formação de profissionais mais competentes.

A todos os funcionários (as) do Cemicamp, que compartilharam comigo esta caminhada.

Aos profissionais da ASTEC, Maria do Rosario Zullo, Cylene Camargo, Angela Guedes, William Oliveira e Neder do Prado, pelo apoio técnico e carinho dispensado para a concretização deste trabalho.

À Margarete Amado de Souza Donadon e Pedro Narcizo, pelo apoio constante durante todo o tempo do curso.

Aos alunos que responderam à pesquisa que viabilizou a conclusão deste estudo, meu respeito e admiração.

Agradecimentos Institucionais

À Fapesp , Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. Processo: 07/50369-0.

Às Pró-Reitorias de Graduação e Pós-Graduação, Diretoria Acadêmica e Centro de Computação (CCUEC) da Universidade Estadual de Campinas pelo apoio ao projeto de pesquisa.

Ao Cemicamp, Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas, pelo apoio de infra-estrutura e pessoal colocados à disposição para a execução deste trabalho.

Sumário

Símbolos, Siglas e Abreviaturas	x
Resumo	xi
Summary	xiii
1. Introdução	15
2. Objetivos	23
2.1. Objetivo geral	23
2.2. Objetivos específicos.....	23
3. Publicação.....	24
4. Conclusões.....	58
5. Referências Bibliográficas.....	60
6. Anexos	65
6.1. Anexo 1 – Sujeitos e Métodos da pesquisa “Frequência e características da violência interpessoal entre alunos de graduação de uma univesidade paulista”	65
6.1.1. Desenho do Estudo.....	65
6.1.2. Tamanho amostral	66
6.1.3. Critérios e Procedimentos para Seleção dos Participantes	66
6.1.4. Definição de Variáveis e Conceitos	67
6.1.5. Técnicas e Instrumentos para Coleta de Dados	70
6.1.6. Coleta dos Dados.....	71
6.1.7. Controle de qualidade	72
6.2. Anexo 2 – Questionário da pesquisa “Frequência e características da violência interpessoal entre alunos de graduação de uma universidade paulista”	74
6.3. Anexo 3 – Parecer da Comissão de Pesquisa do Departamento de Tocoginecologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM) da Universidade Estadual de Campinas	86
6.4. Anexo 4 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas	87

Símbolos, Siglas e Abreviaturas

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

FCM – Faculdade de Ciências Médicas

p – Nível descritivo do teste estatístico (significância estatística)

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Introdução: O problema da violência contra as mulheres está presente nos diferentes contextos sociais e sua abordagem deve incluir as perspectivas de gênero e ética que influenciam a maneira como as mulheres são tratadas no cotidiano.

Objetivo: Avaliar a prevalência de violência de gênero e sexual e a associação entre atitude em gênero e em ética e a experiência de sofrer e perpetrar esses tipos de

violência, entre alunos de uma universidade paulista. **Sujeitos e métodos:** Estudo descritivo de corte transversal em se que fez análise secundária dos dados da pesquisa “Frequência e características da violência interpessoal entre alunos de graduação e pós-graduação de uma universidade paulista”. Analisaram-se respostas de 2430 universitários(as) a um questionário estruturado e pré-testado, respondido diretamente em arquivo computadorizado. Os dados foram coletados e armazenados por meio do programa de computador *LimeSurvey* (LimeSurvey 1.49RC3), um *software* livre. Após encerrar a coleta, o banco de dados foi exportado para o EXCEL e em seguida para o SPSS-PC, quando foram realizadas checagens para identificar e corrigir possíveis erros lógicos. Para as análises desta dissertação, a partir do banco de dados da pesquisa original, foi constituído um outro com as informações referentes às variáveis de interesse para este estudo: independentes –

atitude em gênero e em ética (em relação a si, ao outro e à comunidade universitária); dependentes – vivência de situações de violência em geral (física, emocional e/ou sexual), e especificamente violência sexual; reconhecimento de ser perpetrador de violência em geral e especificamente de gênero e sexual. Como variáveis de controle, foram incluídas características sociodemográficas dos respondentes. **Análise dos dados:** Nas análises bivariadas foi aplicado o teste qui-quadrado, para estudar a associação entre a atitude em ética e em gênero, as características sociodemográficas e a vivência de situações de violência, tanto como vítima quanto como perpetrador. Posteriormente, foi realizada análise múltipla por regressão logística de Poisson. **Resultados:** Dentre as alunas, 56,3% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência desde seu ingresso na universidade, sendo 9,4% de violência sexual; 29,9% dos alunos disseram ter perpetrado algum tipo de violência, sendo 11,4% de gênero e 3,3% de violência sexual. Menores escores de atitude em ética associaram-se a maior probabilidade dos homens serem perpetradores de violência em geral, e especificamente de gênero. Residir com pais/parentes e professar alguma religião revelaram-se fatores protetores para homens e mulheres, tanto para sofrer quanto para perpetrar violência. **Conclusão:** A prevalência de violência contra a mulher em geral, e especificamente de violência sexual, foi expressiva na amostra estudada, e mostrou-se associada a várias características dos(as) estudantes. Dentre os fatores protetores destacaram-se o residir com a família, a atitude em ética e a importância dada à religião.

Palavras-chave: violência contra a mulher; violência sexual; ética; estudantes universitários.

Summary

Introduction: The problematic of violence against women is present in different social contexts and its approach should include the gender and ethics perspectives that influence the way women are treated in their daily lives. **Objective:** To evaluate the prevalence of sexual and gender violence and the association between gender and ethics attitude as well as the experience of suffering and perpetrating those kinds of violence, among students of a university in the State of São Paulo.

Subjects and methods: A descriptive cross-section study, which analyzed the research data “Frequency and characteristics of interpersonal violence among undergraduate students of a university in São Paulo State”. The answers of 2430 college students to a pre-tested and structured questionnaire were analyzed. It was answered directly by the student on the internet. The data were collected and stored using a free computer program called *LimeSurvey* (LimeSurvey 1.49RC3). After data collection was finished, the data bank was exported to EXCEL and after that to SPSS-PC, when it was double-checked to identify and correct possible logical mistakes. In order to analyze this dissertation, another data bank was created with the variables which were of interest to this study: independent – gender and ethical attitude (related to the student and other

members of the university community); dependent – experience of general violence life situations (physical, emotional and/or sexual), and specifically sexual violence; acknowledgement of being the perpetrator of general violence, specifically gender and sexual. As control variables the socio-demographic ones were included. **Data analysis:** Bi-variate analyses were done using the qui-square test, to study the association between ethics and gender attitudes, the social demographic characteristics and experiencing violent situations, both as victim and/or perpetrator. After that a multiple analysis by Poisson regression was carried out. **Results:** Among the women students, 56.3% stated they had suffered some kind of violence since they started studying at the university; 9.4% referred they had suffered sexual violence; 29.9% of the men students said they had been perpetrators of some kind of violence, of which 11.4% related to gender and 3.3% to sexual violence. Lower scores of ethical attitude were associated with a higher probability for men to be perpetrators of violence in general, specifically gender. Living with parents/relatives and professing any religion were shown to be protective factors for men and women, both to suffer and to perpetrate violence. **Conclusion:** Violence against women in general and specifically sexual violence was a frequentin occurrence in the sample studied, and it was associated to several characteristics of the students. To live with the family, ethical actitude and high importance given to religion were proctecting factors or violence against women.

Key words: violence against women, sexual violence, ethics, university students.

1. Introdução

A violência é um problema com o qual é muito difícil lidar, já a partir da sua definição. Isto porque há uma variedade de culturas e códigos morais no mundo, fazendo com que a definição do que é um comportamento aceitável ou um comportamento que constitui dano seja distinta. A definição do que é violência, portanto, é culturalmente influenciada e está constantemente sendo revisada em vista dos valores e normas de cada sociedade (1).

As diferentes formas de definir violência também dependem de quem a está definindo, e com qual propósito. Por exemplo, segundo o Dicionário Aurélio, violência é: *“Ato de violentar, constrangimento físico ou moral, uso da força, coação”* (2). Já para a Organização Mundial da Saúde (OMS), violência é *“O uso intencional de força física ou poder, ameaça ou ato concreto, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta em ou tem uma alta intenção de resultar em dano, morte ou dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação”* (1).

Constitui violência “toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue

relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural” (3). A violência se manifesta, entre outras coisas, através de atos de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra outra pessoa, revelando relações intersubjetivas e sociais marcadas por opressão, intimidação, medo e terror (3). Nesse sentido, os atos de violência se opõem ao que seriam ações eticamente orientadas, ou seja, que conduzem para o bem pessoal do indivíduo e da humanidade (4, 5). Logo, discutir questões relativas à violência leva a refletir sobre as questões éticas envolvidas nessa conduta. As abordagens a respeito desse assunto sempre serão permeadas por discussões acerca da ética, tanto em seu caráter normativo quanto comportamental (6, 7).

A violência manifesta-se de diferentes maneiras na sociedade, produzindo diversos tipos de consequências, razão pela qual é necessário também se preocupar com as formas mais específicas, como violência de gênero, violência contra a mulher e violência sexual, para poder pensar em intervenções apropriadas a cada caso (8).

Uma vez que gênero é a *“instância onde e por meio da qual o ser humano se reconhece como homem e mulher, nos diferentes contextos históricos, culturais e sociais”* (9), a violência de gênero se manifesta através de relações de poder desiguais entre homens e mulheres, que podem resultar em agressões de diversos tipos, inclusive sexuais. Ocorre em todos os níveis socioeconômicos, e, embora as mulheres também possam agir com violência, a maioria das agressões, a partir da perspectiva de gênero, é de homens contra mulheres (10). Assim, a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1993, definiu o termo violência contra

mulher como sendo “*qualquer ato de violência de gênero que resulta ou poderia resultar em dano físico, sexual ou psicológico, ou ainda em sofrimento, para as mulheres, incluindo também a ameaça de praticar tais atos, a coerção e a privação da liberdade, ocorrendo tanto em público como na vida privada*” (11).

A violência de gênero desvaloriza a mulher de várias formas, desde mostrar preferência por um recém-nascido masculino até a agressão física e psicológica sofrida pela mulher ao longo de sua vida (12). Uma das manifestações mais impactantes de violência de gênero é a violência sexual (13, 14, 15). Relatório da OMS apontou que a prevalência de violência física praticada contra mulheres por parceiros variava de 13% (Japão) a 61% (interior do Peru), estando, na maioria dos países, entre 25% e 49%. No Brasil, essa pesquisa apontou 12,9% de violência física no interior de Pernambuco e 8,3% na cidade de São Paulo. Já a violência sexual perpetrada por parceiros variava de 6%, em cidades do Japão e Sérvia e Montenegro, e 59% no interior da Etiópia. No Brasil, foi de 5,6% no interior de Pernambuco e 2,8% em São Paulo. Considera-se que a alta taxa de sexo forçado pelos parceiros é alarmante, sobretudo na questão da mulher poder se proteger de DST, principalmente da Aids (16).

Estudo de base populacional realizado em cidade do interior do Estado de São Paulo apontou que mais da metade (62%) das mulheres relataram ter tido relações sexuais contra sua vontade. Um terço (30%) foi coagida pelos seus parceiros a ter relações sexuais (14). Em São Paulo, Schraiber et al. (17) observaram que 44,4% das mulheres que consultavam em unidades básicas de saúde (UBS) por vários motivos, relataram pelo menos um episódio de violência

física ao longo da vida, e 11,5% referiram ao menos uma ocorrência de violência sexual na vida adulta. Estudo semelhante realizado em Porto Alegre, RS, encontrou 38% de violência física e 8% de violência sexual entre usuárias de uma UBS (18). Em um hospital de urgência e emergência em Salvador, na Bahia, 36,5% das mulheres que consultavam por qualquer motivo – não necessariamente por terem sofrido alguma violência – relataram algum episódio de violência física ao longo da vida, e 18,6% mencionaram violência sexual (19). Estudo realizado entre 2002 e 2003, em 15 capitais de estado e no Distrito Federal, enfocou as agressões físicas e psicológicas no âmbito dos casais, e detectou que a ocorrência de abuso físico contra as mulheres variou de 13,2% a 34,8% (20). Estudo com mulheres residentes em São Paulo e na Zona da Mata em Pernambuco apontou que 28,9% e 36,9%, respectivamente, referiram ter vivenciado pelo menos um episódio de violência perpetrado por parceiro íntimo. As variáveis associadas a essa condição, em ambas as localidades, foram escolaridade até oito anos, violência física conjugal entre os pais da mulher, abuso sexual na infância, cinco ou mais gestações e problemas com a bebida (21).

Ao longo das últimas duas décadas tem-se procurado entender a violência de gênero a partir da construção de modelos capazes de indicar quais são os fatores envolvidos, em diversos níveis, na existência desse fenômeno e que poderiam sofrer intervenções no sentido de prevenir e/ou erradicá-lo. Um dos modelos mais conhecidos é o proposto por Heise (22), no qual se consideram quatro níveis de fatores que operam para produzir a violência contra as mulheres: história pessoal (fatores individuais), microsistema (fatores associados aos

relacionamentos), exossistema (fatores relacionados à comunidade) e macrosistema (fatores relacionados à sociedade). No âmbito da história pessoal encontram-se fatores individuais/ontogênicos, que são aqueles que se referem ao desenvolvimento individual da experiência e da personalidade das pessoas, e que modelam sua resposta diante dos fatores do microsistema e do exossistema. O microsistema está constituído pelas interações diretas dos indivíduos com outras pessoas, e os significados subjetivos assignados a essas relações. O exossistema é composto de estruturas sociais formais e informais que estabelecem os cenários nos quais uma pessoa se encontra e que influenciam, delimitam ou determinam como ela irá se conduzir. O macrosistema, por sua vez, refere-se ao amplo conjunto de crenças e valores que permeia e informa os outros três níveis. Considerando esse modelo, percebe-se que a compreensão acerca da violência contra a mulher requer uma ampla investigação de fatores que compõem esses quatro níveis.

Por outro lado, as consequências da violência de gênero e sexual são classificadas por Heise et al. (15) em fatais e não fatais. As consequências não fatais podem ser físicas, mentais e/ou sociais. Em decorrência de sofrer violência as mulheres podem, por exemplo, contrair DST, gravidez indesejada, aborto, problemas ginecológicos, aleijamento parcial ou permanente, bem como podem sofrer depressão, ansiedade, disfunção sexual, desordem alimentar, entre outras consequências mentais. No plano social, sofrer violência pode fazer com que as mulheres deixem de se desenvolver plenamente no trabalho devido às sequelas físicas e emocionais, resultando que tenham salário menor do que uma mulher que não sofreu violência. Outras vezes, por medo das

ameaças de seus companheiros, deixam de exercer uma atividade remunerada, de participar de projetos comunitários. Enfim, a violência pode limitar seriamente o desempenho dos papéis sociais das mulheres. O trauma torna-se pior quando o agressor é um conhecido íntimo, o que aumenta os sentimentos de perda, traição e desesperança. Finalmente, as consequências fatais são observadas quando a mulher perde sua vida ao ser assassinada ou, até mesmo, quando, não suportando as consequências não fatais, comete suicídio.

Todas essas consequências tornam-se um obstáculo para o desenvolvimento econômico e social, não só dos indivíduos e da família, mas também da sociedade em geral. Pois, ao debilitar a mulher, atacando sua confiança e comprometendo sua saúde, priva a sociedade de sua participação integral. As mulheres não podem, então, contribuir plenamente com seu trabalho, com suas ideias criativas, pois ficam marcadas pela ferida física e psicológica do abuso (15).

No Brasil, vários setores da sociedade têm-se mobilizado para enfrentar a problemática da violência contra as mulheres. Pesquisa realizada pelo IBOPE (23) evidenciou que a violência contra as mulheres era um dos temas que mais preocupam a população brasileira, pois acontece em vários ambientes, no lar, no trabalho, na rua, inclusive dentro de espaços elitizados, como é o caso das universidades.

Entre estudantes universitárias de países desenvolvidos, as pesquisas têm encontrado vários níveis de prevalência de violência sexual. Um estudo feito pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos (24) aponta que jovens

entre 16 a 24 anos, que correspondem à maioria das estudantes universitárias, estão mais expostas à violência sexual do que mulheres de outras faixas etárias. Estudo realizado com alunos de uma universidade americana verificou que 44,7% vivenciaram algum tipo de violência e 17,1% referiram ter sido perpetradores; durante o período dos estudos universitários as violências emocional e sexual foram as mais frequentes – em torno de 12% (25).

Estudo realizado no Canadá (26) indicou que as mulheres jovens, de 15-24 anos, tinham uma chance quase 12 vezes maior de sofrer violência física e/ou sexual por parceiro íntimo, se comparado às mulheres com 55 anos ou mais. Na Inglaterra e País de Gales, dados do ano 2000 indicaram que as jovens entre 16 e 24 anos eram as que tinham maior risco de sofrer algum tipo de abuso sexual (27). Um estudo conduzido pela Organização Mundial da Saúde em 10 países (16), quase todos em desenvolvimento, encontrou variadas prevalências de violência sexual contra mulheres jovens (15-24 anos): por exemplo, 1% em Sérvia e Montenegro, 1,5% no Brasil, 2,2% no Japão, 11,5% no Peru e 47,3% na Etiópia.

Entre universitárias venezuelanas, 14% das estudantes da área da educação relataram ter sofrido violência física por parte de seus parceiros nos 12 meses anteriores à entrevista, 79% violência psicológica e 5% violência sexual (28). Na América Latina, em universidade chilena, observou-se que 17% das participantes relataram ter vivenciado alguma forma de contato sexual indesejado nos 12 meses anteriores à pesquisa (29). Recentemente, vários casos de violência contra universitárias dentro de *campi* universitários no Estado de São Paulo foram divulgados pela mídia, provocando comoção na população estudantil e entre as

autoridades universitárias (30, 31, 32, 33). Na literatura científica, porém, encontrou-se apenas um estudo (34) realizado na cidade de São Paulo com universitários de ambos os sexos e idades entre 18 e 40 anos, concentrados na faixa dos 18-21 anos. Essa pesquisa teve por objetivo avaliar a frequência e o padrão da violência no âmbito do namoro desses jovens, e evidenciou que 21,4% havia sofrido algum tipo de agressão do parceiro nos 12 meses anteriores à pesquisa, sendo mais frequente a violência psicológica, seguida da sexual. Em relação a essa última, sua prevalência foi maior entre as mulheres.

Percebe-se, portanto, a necessidade de levantamentos sistemáticos junto aos universitários para indagar diretamente sobre a sua experiência com situações de violência – quer como vítimas ou como autores – e qualificar essa violência, se está baseada ou não no gênero. As informações obtidas a partir daí podem servir de base para discutir possíveis intervenções junto às comunidades universitárias, tanto para criar programas de ação quanto para divulgar informações sobre como proceder e o que fazer em caso de ser vítima ou mesmo perpetrador de violência. Isso poderá ter uma repercussão imediata na vida das comunidades universitárias, melhorando a qualidade de vida nos *campi*, tanto do ponto de vista das relações sociais quanto das questões de saúde. Porém, também poderá ter impacto a médio e longo prazo na formação dos jovens e na constituição de novas famílias, em que predomine uma perspectiva de gênero e ética mais saudável. A partir dessa perspectiva é que se desenvolveu a pesquisa, cujos resultados são apresentados e discutidos nesta dissertação.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Avaliar a prevalência de violência de gênero e sexual e a associação entre atitude em gênero e em ética e a experiência de sofrer e perpetrar esses tipos de violência, entre alunos de uma universidade paulista.

2.2. Objetivos específicos

- Avaliar a prevalência da violência de gênero e sexual entre alunos e alunas da universidade.
- Investigar a atitude em gênero e em ética dos(as) alunos(as).
- Estudar a associação entre a atitude em gênero e a experiência dos alunos de terem sido perpetradores de violência de gênero ou sexual.
- Analisar a associação entre a atitude em ética e a experiência dos alunos de terem sido perpetradores de violência de gênero e sexual.
- Estudar a associação entre variáveis sociodemográficas e a experiência de ter sofrido ou ter sido perpetrador de violência de gênero ou sexual.

3. Publicação

Artigo original intitulado “**Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade paulista**”, submetido a *Cadernos de Saúde Pública*.

Mensagem original

De: Cadernos de Saude Publica <cadernos@ensp.fiocruz.br >

Para: afaundes@uol.com.br

Assunto: Novo artigo (CSP_0018/10)

Enviada: 06/01/2010 16:33

Prezado(a) Dr(a). Anibal Faúndes:

O artigo "Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade paulista" (CSP_0018/10) foi submetido pelo Dr(a). Vilma Zotareli no periódico Cadernos de Saúde Pública (CSP) e você foi incluído como autor do artigo. Em caso de dúvidas, envie suas questões para o nosso e-mail, utilizando sempre o ID do manuscrito informado acima. Agradecemos por considerar nossa revista para a submissão de seu trabalho.

Atenciosamente,

Prof. Carlos E.A. Coimbra Jr.
Prof. Mario Vianna Vettore
Editores

Login: zotareli

Português English Español



SAGAS

Sistema de Avaliação e Gerenciamento de Artigos
Cadernos de Saúde Pública / Reports in Public Health

Início Autor Sair

CSP_0018/10

Arquivos	Versão 1 [Resumo]
Seção	Artigo
Título	Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade paulista <i>Sexual and gender violence among students from a university from the State of São Paulo, Brazil</i>
Título corrido	Violência de gênero e sexual entre universitários
Área de Concentração	Ciências Sociais em Saúde
Palavras-chave	violência contra a mulher, violência sexual, ética, estudantes, universitários
Fonte de Financiamento	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) Processo 2008/58976-5
Sugestão de consultores	Lilia Blima Schraiber <liliabli@usp.br> Arlete Maria Santos Fernandes <arlete@unicamp.br>
Autores	Vilma Zotareli (Universidade Estadual de Campinas) Anibal Faundes (Cemicamp - Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas) Maria José Duarte Dais (Cemicamp - Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas) Graciana Alves Duarte (Cemicamp - Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas) Maria Helena de Sousa (Cemicamp - Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas)

DECISÕES EDITORIAIS: [Exibir histórico]

Versão	Recomendação	Decisão	Pareceres	Data de Submissão
1	Em avaliação. Artigo enviado em 06 de Janeiro de 2010.			

Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade paulista

Sexual and gender violence among students from a university from the State of São Paulo, Brazil

Autores: Zotareli, V^{1,2}, Faúndes A^{1,2}, Osis, MJD^{1,2}, Duarte G², Sousa MH²

- 1 Departamento de Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil
- 2 Cemicamp – Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Correspondência:

Cemicamp – Caixa Postal 6181 – CEP 13084-971 – Campinas, SP, Brasil

E-mail: zotareli@unicamp.br

Auxílio à pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo: 2008/58976-5

Resumo

Este estudo avaliou a prevalência de violência de gênero e sexual, a associação entre atitude em gênero e em ética e a experiência de sofrer e perpetrar violência, entre alunos de uma universidade pública do Estado de São Paulo. Realizou-se estudo descritivo de corte transversal em que se analisaram 2430 respostas via *internet* de um questionário estruturado e pré-testado. Dentre as alunas, 56,3% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência desde seu ingresso na universidade, sendo 9,4% de violência sexual; 29,9% dos alunos disseram ter perpetrado algum tipo de violência, sendo 11,4% de gênero e 3,3% de violência sexual. Menores escores em atitude em ética associaram-se a maior probabilidade dos homens serem perpetradores de violência em geral, e especificamente de gênero. Residir com pais/parentes e professar alguma religião revelaram-se fatores protetores para homens e mulheres, tanto para sofrer quanto para perpetrar violência. Evidenciou-se a necessidade de intervir no meio universitário para prevenir e minorar o problema da violência, especialmente de gênero e sexual.

Palavras-chave: violência contra a mulher; violência sexual; ética; estudantes universitários.

Abstract

This study evaluated the prevalence of gender and sexual violence, the association between gender and ethical attitude and the experience of suffering and perpetrating violence, among students of a public university in Brazil. A cross-sectional study was carried out which analyzed answers given by 2430 students a questionnaire on the internet. Among the girls, 56.3% stated had suffered some kind of violence since started studying at that university; 9.4% of that was sexual violence; 29.9% of the men declared had perpetrated some kind of violence, 11.4% of which was gender and 3.3% was sexual violence. Lower scores for ethical attitude were associated with a higher probability that men would be the perpetrators of general violence, more specifically gender violence. Two protective factors for both men and women, to suffer and to perpetrate violence, were living with parents/relatives and professing a religion. The need to interfere in the university environment, in order to prevent and diminish the violence problem, especially concerning gender and sexual violence became evident.

Key-words: violence against women; sexual violence; ethics; university students.

Colaboradores

Todos os autores discutiram, contribuíram, leram e aprovaram a versão final do artigo.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. Processo: 2008/58976-5. Ao Cemicamp – Centro de Pesquisa em Saúde Reprodutiva de Campinas, pelo apoio de infra-estrutura e pessoal, colocados à disposição para a execução deste trabalho. A todos os alunos que participaram da pesquisa cujas respostas contribuíram para a publicação deste artigo.

Introdução

Constitui violência “toda prática e toda idéia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural”¹. A violência se manifesta, entre outras coisas, através de atos de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra outra pessoa, revelando relações intersubjetivas e sociais marcadas por opressão, intimidação, medo e terror¹. Nesse sentido, os atos de violência se opõem ao que seriam ações eticamente orientadas, ou seja, que conduzem para o bem pessoal do indivíduo e da humanidade^{2,3}.

A violência se manifesta de diferentes maneiras na sociedade, mas especialmente as mulheres têm sofrido o impacto da violência de gênero e sexual⁴. A violência de gênero se manifesta através de relações de poder desiguais entre homens e mulheres, que podem resultar em agressões de diversos tipos, inclusive sexuais. Ocorre em todos os níveis sócio-econômicos e, embora as mulheres também possam agir com violência, a maioria das agressões, a partir da perspectiva de gênero, é de homens contra mulheres⁵.

No Brasil, vários setores da sociedade têm se mobilizado para enfrentar a problemática da violência contra as mulheres, incluindo-a como parte das preocupações éticas da vida social. Pesquisa realizada pelo IBOPE⁶ evidenciou que a violência contra as mulheres é um dos temas que mais preocupam a população brasileira, pois acontece em vários ambientes, no lar, no trabalho, na rua, inclusive dentro de espaços elitizados, como é o caso das universidades.

Entre estudantes universitárias de países desenvolvidos as pesquisas têm encontrado vários níveis de prevalência de violência sexual. Um estudo

feito pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos⁷ aponta que as jovens entre 16 a 24 anos, que correspondem à maioria das estudantes universitárias, estão mais expostas a violência sexual do que mulheres de outras faixas etárias. Um estudo realizado com alunos de uma universidade americana verificou que 44,7% vivenciaram algum tipo de violência e 17,1% referiram ter sido perpetradores; durante o período dos estudos universitários as violências emocional e sexual foram as mais frequentes – em torno de 12%⁸.

Estudo realizado no Canadá⁹ indicou que as mulheres jovens, de 15-24 anos, tinham uma chance quase 12 vezes maior de sofrer violência física e/ou sexual por parceiro íntimo, se comparadas às mulheres com 55 anos ou mais. Na Inglaterra e País de Gales, dados do ano 2000 indicaram que as jovens entre 16 e 24 anos eram as que tinham maior risco de sofrer algum tipo de abuso sexual¹⁰.

Um estudo conduzido pela Organização Mundial da Saúde em 10 países¹¹, quase todos em desenvolvimento, encontrou variadas prevalências de violência sexual contra mulheres jovens (15-24 anos): por exemplo, 1% em Sérvia e Montenegro, 1,5% no Brasil, 2,2% no Japão, 11,5% no Peru e 47,3% na Etiópia.

Entre universitárias venezuelanas, 14% das estudantes da área da educação relataram ter sofrido violência física por parte de seu parceiro nos 12 meses anteriores à entrevista, 79% violência psicológica e 5% violência sexual¹². Na América Latina, em universidade chilena, se observou que 17% das participantes relataram terem vivenciado alguma forma de contato sexual indesejado nos 12 meses anteriores à pesquisa¹³. Estudo realizado na cidade de São Paulo com universitários de ambos os sexos e idades entre 18 e 40 anos, concentrados na faixa dos 18-21 anos, evidenciou que 21,4% haviam sofrido algum tipo de

agressão nos 12 meses anteriores à pesquisa, sendo mais frequente a violência psicológica, seguida da sexual. Em relação a essa última, sua prevalência foi maior entre as mulheres¹⁴. Recentemente, vários casos de violência contra universitárias dentro de campus universitários no Estado de São Paulo foram divulgados pela mídia, provocando comoção na população estudantil e entre as autoridades universitárias^{15,16,17,18}.

O objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência de violência de gênero e sexual e a associação entre atitude quanto a questões de gênero e de ética e a experiência de sofrer e perpetrar violência de gênero e sexual, entre alunos de uma universidade pública do Estado de São Paulo.

Métodos

Tratou-se de um estudo descritivo de corte transversal, análise secundária de dados coletados para a pesquisa: “Frequência e características da violência interpessoal entre os alunos de graduação e pós-graduação de uma universidade paulista” (projeto apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo: 07/56358-0).

Os dados da pesquisa original foram coletados a partir de questionários respondidos diretamente em meio computadorizado por alunos de graduação e pós-graduação de uma universidade pública do Estado de São Paulo. Para isto foi utilizado o programa de computador *LimeSurvey* (LimeSurvey 1.49RC3), um *software* livre. O convite para participar da pesquisa e um “*link*” para acessar o questionário foram enviados, em três ocasiões diferentes (agosto, setembro e dezembro de 2008), pela própria universidade a todos os alunos regularmente

matriculados no 2º semestre de 2008. A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2008. Ao final, dos 23.486 alunos regularmente matriculados na universidade, 2.886 haviam acessado o questionário e 2.430 o responderam. A taxa de resposta, portanto, foi de 10,3%. O banco de dados foi exportado para o programa EXCEL e, em seguida, para o SPSS, onde foram realizadas checagens para identificar e corrigir possíveis erros lógicos.

Para o presente estudo, o tamanho da amostra foi calculado utilizando o programa Epi Info v.6.04d, com base na estimativa da prevalência geral de violência sexual de 26%, obtida por uma pesquisa realizada com universitários na cidade de São Paulo¹⁴, e considerando o valor α igual a 0,05, com uma diferença absoluta de 2 pontos percentuais entre a estimativa amostral e a populacional. Isto resultou em um tamanho amostral de 1.848 sujeitos. Dada a disponibilidade do banco de dados da pesquisa original, foram analisados os dados referentes aos 2.430 questionários respondidos.

Para análise dos dados, as variáveis dependentes consideradas foram:

“Vivência de situações de violência emocional e física” considerada a partir da referência por parte das alunas de terem sofrido situações de agressão emocional e corporal/física desde seu ingresso na universidade: alguém insultou você ou fez com que se sentisse mal a respeito de si mesma; depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas, fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito, ameaçou machucá-la ou alguém ou algo de que você gosta, deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-la, empurrou ou

deu-lhe um tranco/chacoalhão, machucou com um soco ou com algum objetivo, deu um chute, arrastou ou surrou você, estrangulou ou queimou você de propósito, ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você. Considerou-se que uma aluna sofrera esse tipo de violência quando a resposta foi “sim” a pelo menos uma das situações mencionadas; e que não sofrera esse tipo de violência, quando a resposta foi “não” a todas as situações.

“Vivência de situações de violência sexual” que foi avaliada com base na referência por parte das alunas a terem sofrido situações de agressão sexual desde que ingressou na universidade: alguma pessoa forçou fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria, você teve relação sexual porque estava com medo do que ele(a) pudesse fazer, você teve relação sexual apesar de não querer porque acha que é um direito dele(a); forçou você a manter uma prática sexual degradante ou humilhante, alguma pessoa combinou que usariam camisinha, mas na hora da relação não cumpriu o combinado; alguma pessoa recusou-se a usar camisinha durante a relação sexual. A resposta positiva a pelo menos uma dessas questões foi classificada como experiência de ter sofrido violência sexual; os sujeitos que deram respostas negativas a todas as questões foram classificados como não tendo sofrido violência sexual.

“Declaração de ter sido perpetrador de violência emocional e física” considerada a partir da referência por parte do sujeito – homem - a ter praticado ou não alguma (s) das agressões acima mencionadas, desde seu ingresso na universidade.

“Declaração de ter sido perpetrador de violência sexual contra mulheres” foi avaliada a partir da referência por parte dos alunos – homens - a terem

praticado ou não alguma (s) das agressões sexuais acima mencionadas contra mulheres, desde seu ingresso na universidade.

“Declaração de ter sido perpetrador de violência de gênero”, que foi avaliada a partir da referência dos alunos – homens - a terem praticado alguma(s) forma de agressão física, emocional e/ou sexual contra mulheres desde seu ingresso na universidade.

As variáveis independentes foram: “atitude em gênero”, “atitude em ética”, “área de estudos”, “nível acadêmico”, “idade”, “estado marital”, “cor da pele”, “fonte de renda”, “renda familiar”, “tipo de moradia”, “religião” e “importância dada à religião”.

A variável “atitude em gênero” foi entendida como a opinião dos sujeitos com relação a se o desenvolvimento de diferentes atividades são próprias de mulher e/ou de homem: limpar a casa, cuidar dos filhos, dirigir caminhão, sustentar a casa, jogar futebol, lavar a roupa, chorar, trabalhar fora de casa, cozinhar, governar o país, dirigir um grande banco, prevenção de doenças de transmissão sexual, prevenção de gravidez, decidir quando vai ter relação sexual. As possibilidades de resposta eram “coisa de homem”, “coisa de mulher”, “de ambos”, “não sei”, “não tenho opinião formada”. A partir das respostas dadas foi gerado um escore, de 0 a 14 pontos, no qual cada resposta “de ambos” somava um ponto e as demais nenhum ponto. Desta forma, quanto mais próximo de 14, esse escore total indicava a existência de uma atitude de gênero mais igualitária. Para as análises, o escore foi dicotomizado em: 14 (número máximo de pontos) e menor que 14

pontos. Desta forma, a primeira categoria indica atitude de gênero igualitária e a segunda categoria indica atitude de gênero intermediária ou não igualitária.

A variável “atitude em ética” foi considerada como a opinião do sujeito em relação a quão aceitáveis são diferentes tipos de comportamentos: colar nas provas, não cumprir horários, debochar do outro na classe, só falar e não escutar, furar filas no “bandejão”, matar aula, pedir para colegas assinarem a lista de presença por você, jogar lixo no chão, atravessar a rua fora da faixa de pedestres mesmo que a faixa esteja próxima a você, ter seu nome colocado em um trabalho do qual não participou de fato, ultrapassar o sinal vermelho, andar de bicicleta na contra mão, parar o carro sobre a ciclovia, copiar de outros colegas as respostas de listas de exercícios. Criou-se um escore a partir da pontuação dada às alternativas de resposta: “nunca” - 4 pontos (“atitude mais ética”), “de vez em quando” – 3 pontos, “na maioria das vezes – 2 pontos, “sempre” – 1 ponto, “não sei” e “não tenho opinião formada” – 0 pontos. Com base na mediana observada (igual a 48), o escore foi dicotomizado em ≥ 48 pontos e < 48 pontos. Assim, a primeira categoria indica atitude ética adequada e a segunda categoria indica atitude ética intermediária ou não adequada.

Inicialmente foi feita uma descrição da amostra segundo as variáveis independentes e dependentes. Em seguida, realizou-se análise bivariada para testar as associações entre cada uma das variáveis independentes e diversas características sociodemográficas, utilizando-se o teste qui-quadrado apropriado a cada dimensão de tabela¹⁹. Finalmente, análise múltipla por regressão de Poisson²⁰ foi aplicada para o ajuste de cinco modelos de regressão, apresentando-se as

variáveis que estiveram significativamente associadas a cada uma das variáveis dependentes, as razões de prevalência e respectivos IC 95%.

Para a análise múltipla por regressão de Poisson foram considerados cinco modelos, referentes às variáveis dependentes. Modelo 1: Alunas que sofreram qualquer tipo de violência (Sim; Não), modelo 2: Alunas que sofreram violência sexual (Sim; Não), modelo 3: Alunos que perpetraram qualquer tipo de violência (Sim; Não), modelo 4: Alunos que perpetraram violência de gênero (Sim; Não), Modelo 5: Alunos que perpetraram violência sexual contra a mulher (Sim; Não). Consideraram-se as seguintes variáveis independentes nos modelos: idade (em anos), estado marital (solteira; unida/alguma vez unida), cor (branca; não branca), tipo de trabalho (trabalha fora/outro; só recebe bolsa), renda familiar (até cinco salários mínimos; maior que cinco salários mínimos), religião (alguma; nenhuma), importância dada a religião (muito importante; outra importância/sem religião), área de estudo (exatas; humanas/biológicas), nível (graduação; pós-graduação), moradia (com familiar; demais/sozinho), escore em gênero (<14; 14), escore em ética (<48; ≥48).

Os programas computacionais que foram utilizados para a análise dos dados foram o SPSS 17.0 e o Stata 7.0.

O desenvolvimento da pesquisa obedeceu às normas brasileiras para pesquisas com seres humanos²¹. O protocolo da pesquisa original e o desta análise secundária de dados foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Pareceres número 52/2008 e 841/2008, respectivamente).

Resultados

A maioria dos (as) estudantes que respondeu a pesquisa tinha menos de 25 anos de idade (62%), era solteiro (83%) e se auto-classificou como sendo branco (76,5%). Pouco mais da metade era do sexo masculino (51,3%), 47,7% moravam exclusivamente com familiares, 71,6% eram alunos de cursos de graduação e 54,6% eram da área de ciências exatas. Mais de um terço (38,4%) referiu receber bolsa de estudos e 29% declararam ter rendimentos provenientes de trabalho remunerado; 42,4% informaram que a renda familiar estava acima de 10 salários mínimos. Dois terços (66%) referiram ter alguma religião e 42,2% consideraram que esta era muito importante na sua vida. Cerca da metade apresentaram escore de gênero máximo (50,2% = 14 pontos), e escore de ética acima da mediana (59,2% com 48 pontos ou mais) (Tabela 1).

Desde o ingresso na universidade, 14,0% dos participantes referiram já ter sofrido alguma forma de violência física, 47,5% de violência emocional e 6,1% de violência sexual. Quanto a ter sido perpetrador (a) de violência, 21,3% dos (as) estudantes reconheceram ter praticado algum tipo de violência emocional, 6,7% de violência física e 2,5% de violência sexual (Dados não apresentados em tabela).

Mais da metade das alunas participantes da pesquisa afirmou ter sofrido algum tipo de violência (física, emocional e/ou sexual) desde seu ingresso na universidade, e quase 10% disseram ter sofrido especificamente violência sexual. Um quinto dos alunos declarou ter perpetrado algum tipo de violência, pouco mais de 10% referiram ter praticado violência de gênero e menos de 4% afirmaram ter perpetrado algum tipo de violência sexual (Tabela 2).

Algumas características das alunas mostraram-se associadas à referência de ter sofrido qualquer tipo de violência desde seu ingresso na universidade. Observou-se que as alunas que só recebiam bolsa de estudo referiram essa vivência em maior proporção que as demais (61,2% e $p = 0,021$). Também foi maior a referência a ter sofrido violência entre alunas dos cursos de ciências biológicas (60,9%) em comparação com as de exatas e humanas ($p = 0,042$). A porcentagem de alunas que haviam passado por qualquer tipo de violência foi menor entre aquelas que moravam com familiares ($p = 0,03$). De forma semelhante, entre as alunas que moravam com a família verificou-se a menor proporção das que referiram ter sofrido especificamente violência sexual desde seu ingresso na universidade ($p = 0,0005$). Já entre as alunas que declararam não ter religião e as que eram da pós-graduação se observaram maiores porcentagens de referência a ter sofrido violência sexual ($p = 0,029$ e $p = 0,046$ respectivamente) (Tabela 3).

Ao analisar a porcentagem de alunos que referiram ter sido perpetradores de qualquer tipo de violência, as variáveis associadas foram: ter ou não religião, importância dada à religião, nível de estudo, moradia e escore de atitude em ética. Os alunos que tinham alguma religião e os que davam muita importância à religião declararam ter perpetrado qualquer tipo de violência em menor proporção que os outros ($p = 0,002$ e $<0,001$, respectivamente). Uma maior proporção de alunos de graduação declarou ter perpetrado qualquer tipo de violência em comparação com os da pós-graduação ($p = 0,043$). Da mesma forma, as proporções de alunos que tinham perpetrado de qualquer tipo de violência foram maiores entre os que utilizavam a moradia universitária ou moravam em república mista, enquanto os que moravam com familiares apresentaram menor proporção

($p = 0,001$). A proporção de perpetradores de qualquer tipo de violência foi quase duas vezes maior entre alunos com escore de atitude ética menor que 48 em comparação com aqueles de maior escore ($p = 0,001$) (Tabela 4).

Quanto à violência de gênero, as variáveis associadas a ter sido perpetrador deste tipo de violência foram: área de estudo, moradia e atitude ética. A proporção de perpetradores de violência de gênero foi menor entre os alunos de ciências exatas comparados com os de ciências biológicas e humanas ($p = 0,001$). Morar em república não-mista, com familiares ou sozinho associou-se a menor possibilidade de ser perpetrador de violência de gênero ($p = 0,001$). Por último, o risco de ser perpetrador deste tipo de violência foi duas vezes menor entre os alunos com escore mais adequado de atitude em ética do que entre aqueles com escore <48 ($p = 0,001$). Em relação à violência sexual, ter alguma religião e/ou dar muita importância a ela associaram-se à menor probabilidade de ser perpetrador dessa forma de violência contra mulheres ($p = 0,029$ e $p = 0,023$, respectivamente). Por outro lado, o tipo de moradia associou-se à maior possibilidade de ser perpetrador dessa violência, referida por 21,7% dos que residiam em moradia universitária e 15,9% dos que moravam em repúblicas mistas (Tabela 4).

Na Tabela 5 observam-se os resultados da análise múltipla. Não houve variáveis associadas à experiência das alunas terem sofrido qualquer tipo de violência. Quanto a sofrer violência sexual, o tipo de moradia esteve associado com esse evento, sendo que a RP foi de 1,71 [1,10 - 2,66] para não morar exclusivamente com a família. O reconhecimento das alunas quanto a ter sido perpetradoras de qualquer tipo de violência apresentou maior RP entre as não brancas - 1,61 [1,14 -2,26]; e menor RP - 0,67 [0,49-0,92] - entre as alunas com

escore de atitude em ética ≥ 48 pontos. O reconhecimento dos alunos quanto a terem perpetrado qualquer tipo de violência teve maior RP entre os que declararam não ter religião ou considerar que esta tinha pouca ou nenhuma importância - 1,47 [1,10-1,98]; e entre os que frequentavam cursos da área de ciências humanas e biológicas - 1,33 [1,02-1,73]. Por outro lado, a RP foi menor (0,59 [0,45-0,77]) entre alunos que tiveram um escore de atitude em ética < 48 pontos. Ter perpetrado violência de gênero associou-se inversamente com o maior escore de atitude em ética – RP = 0,41 [0,26-0,63], e diretamente com frequentar cursos de ciências humanas e biológicas - RP = 2,17 [1,44-3,28]; e receber bolsa de estudos - RP = 1,55 [1,03-2,34]. A prática de violência sexual contra mulheres associou-se ao aluno morar sozinho/república mista ou não mista/moradia estudantil - RP = 3,63 [1,26-10,44], e a não ter religião ou considerar que esta tem pouca ou nenhuma importância - RP = 4,23 [1,28-14,01].

Discussão e Conclusão

Os resultados apresentados indicam que na amostra de universitários (as) estudada a violência de gênero e sexual estavam presentes ao lado da violência em geral. A experiência de sofrer violência foi mencionada pelas mulheres, assim como os homens referiram a experiência de perpetrá-la. Esses resultados são compatíveis com o que foi observado por Forke et al.⁸ entre universitários norte-americanos, que concluiu que as mulheres sofriam maior vitimização do que os homens, enquanto esses, mais frequentemente, eram perpetradores de violência.

Neste estudo a proporção de alunas que referiram ter sofrido violência sexual (9,4%) foi menor que a observada em outros estudos com população semelhante. Entre universitários norte-americanos foi encontrada uma porcentagem de 15,6% de alunas que sofreram violência sexual durante o curso universitário⁸. No Chile, Lehrer et al.¹³ relatou que 17% de uma amostra de alunas universitárias referiram ter tido algum tipo de contato sexual indesejado nos 12 meses anteriores. Aldrighi¹⁴ detectou prevalência de violência sexual acima de 20% entre universitárias na cidade de São Paulo. Em contraposição, na Venezuela observou-se 5% de prevalência de violência sexual entre estudantes, porém a autora considera que essa porcentagem pode ser maior uma vez que as mulheres teriam vergonha de mencionar ter sido vítima desse tipo de violência ou, mesmo, não se aperceberiam dela¹². Infelizmente, é impossível saber em que grau essas diferenças refletem a verdadeira frequência desse evento, ou diferenças na definição do que é considerado violência na percepção dos (as) universitários (as) e, ainda, a disposição de relatar os fatos.

Chama a atenção que o escore de atitude em gênero não tenha se relacionado à experiência dos homens perpetrarem violência contra as mulheres, uma vez que essa relação é constantemente enfatizada na literatura¹⁵. Ao contrário, a amostra estudada foi bastante homogênea quanto a essa variável: tanto homens quanto mulheres tinham perspectivas semelhantes, supostamente revelando atitudes igualitárias em gênero, o que contrasta com a ocorrência frequente da violência de gênero nessa mesma amostra de universitários (as). Por um lado, é preciso considerar que os altos escores e a homogeneidade da amostra em relação a eles podem ser indicativos da falha na lista de questões

incluídas na construção do escore proposto, de maneira que os (as) estudantes tenham optado por respostas que sabiam ser as mais adequadas socialmente e não necessariamente pelas que correspondiam à sua atitude.

Por outro lado, os achados deste estudo confirmam que as interações entre as normas de gênero e as condições socioeconômicas não se dão de maneira mecânica e sempre na mesma direção²³. Observou-se que, mesmo em ambiente em que há alto grau de instrução das pessoas, ainda persistem traços relevantes da desigualdade de gênero, que se evidenciam nas relações interpessoais, apesar do discurso igualitário. Embora o acesso à educação universitária no Brasil hoje seja mais fácil para as mulheres, isso não significa que elas sejam tratadas de maneira igualitária por seus colegas. Ao mesmo tempo, isto leva a pensar que a educação universitária também não tem sido suficiente para eliminar a violência de gênero, a vitimização da mulher e o estereótipo do homem “valente” e violento^{24,25,26}. Fica evidente que no meio universitário coexistem vários padrões de relações de gênero, o que coloca a necessidade de se trabalhar com o substrato sociocultural no qual se inscrevem essas relações, que são inculcadas em homens e mulheres desde antes do seu nascimento e com as quais eles (as) chegam à universidade²⁷.

Ao mesmo tempo, este estudo evidenciou o papel protetor da atitude adequada em ética em relação à prática de violência contra as mulheres. Isso leva a refletir também sobre a relação entre educação e ética. É possível que as universidades partam do princípio de que a simples inserção dos jovens no meio acadêmico seja suficiente para torná-los menos “machistas”, mais esclarecidos, mais cômicos de seus direitos e deveres, mais responsáveis do ponto de vista

ético. Porém, as constantes referências atuais à violência nesse meio, inclusive os nossos achados, parecem indicar que é preciso adotar uma postura mais pró-ativa em relação às atitudes em gênero e ética no meio universitário. Somam-se a isso as evidências de que a violência entre pares na escola é um fenômeno bastante preocupante desde os ciclos escolares anteriores – ensino fundamental e médio²⁸, podendo representar certa cultura da violência, na qual os jovens já estariam inseridos ao entrar na universidade, e para cuja desconstrução não é suficiente apenas o processo de transmissão e aquisição de conhecimento. Nesse contexto, é preciso preocupar-se com a formação do sujeito ético, o que tem sido apontado como dificuldade na educação atual, que tende a privilegiar o ensino, a capacitação e o habilitar em detrimento do educar²⁹.

Ao lado da atitude adequada em ética, este estudo também apontou que ter religião e esta ser muito importante na vida da pessoa eram fatores protetores em relação a perpetrar violência de qualquer tipo e especificamente violência sexual. Isso é coerente com a relação entre religião/religiosidade e ética, que aponta a sua potencialidade para interferir na conduta moral dos indivíduos à medida que implica a relação com divindades “moralmente preocupadas”, como é o caso dos diversos ramos do cristianismo, do budismo, entre outras³⁰. Ao mesmo tempo, nossos achados são compatíveis com os de outros estudos que têm apontado vários benefícios da religião/religiosidade para a inserção social dos jovens^{13,31,32,33}. Embora se questione hoje o papel social da religião, não se pode negar que ela ainda exerce forte influência na construção dos significados para os indivíduos e grupos e, no caso específico dos jovens, ela tem sido percebida como referência importante como ambiente de sociabilidade, como estoque

simbólico, como pano de fundo sobre o qual eles elaboram suas crenças e experiências, ou ainda como referência daquilo que eles *não querem* para si³⁶.

Além disso, aparece na literatura associação entre os vínculos familiares e a religião/religiosidade, no sentido de que essa se desenvolve de maneira mais expressiva entre jovens cujas famílias adotam alguma religião e/ou expressam a religiosidade na vida familiar³¹. Tanto a religião/religiosidade da família quanto a do jovem tem sido apontada como fator que influencia as atitudes morais da juventude³⁷. Ademais, a atuação e os vínculos familiares, de modo geral, são vistos como fatores protetores, que ampliam as chances dos jovens realizarem seus projetos de vida e que tendem a afastá-los de práticas delinqüentes, entre elas as diversas formas de violência^{31,32,37}. Um dos fatores apontado na literatura como associado à violência de gênero e sexual é o fraco vínculo afetivo com a família^{13,32}. No caso dos jovens que perpetram violência sexual contra mulheres, o relacionamento problemático ou distante especificamente com o pai também tem sido nomeado como fator de risco³⁴. Esses achados dão respaldo ao que se observou neste estudo, que viver sob a supervisão da família pode proteger das agressões, tanto sofridas quanto praticadas, evidenciando o papel da família na rede de proteção ao jovem, tanto no que diz respeito a sofrer quanto a perpetrar violência.

Não se pode deixar de reconhecer que o presente estudo tem limitações produzidas pela taxa de resposta obtida, um pouco acima de 10%. A amostra estudada não pode ser considerada representativa da população de alunos da universidade em questão. Porém, quando se compararam as características da amostra com as da população universitária houve diferença estatística apenas

em relação à idade e à área de estudos. Nossa amostra estava composta por alunos (as) mais jovens e com maior proporção de alunos (as) dos cursos de ciências exatas e menor proporção das ciências biológicas, em relação ao total de possíveis respondentes. Nas análises realizadas para este artigo, a idade não esteve associada a nenhuma das variáveis dependentes, motivo pelo qual é pouco provável que essa diferença entre a amostra e o universo possa enviesar os resultados. Entretanto, houve diferenças quanto a área de estudo, visto que os alunos (as) das ciências exatas foram os que menos sofreram e perpetraram violência. É possível supor que, caso o número de alunos das outras áreas que responderam fosse proporcional ao número de alunos matriculados, todas as porcentagens de violência encontradas poderiam aumentar. Em outras palavras, é possível que tenhamos um viés de seleção e que as verdadeiras taxas de violência sejam maiores que as identificadas na amostra estudada. Porém, tudo isto não invalida as associações entre diversas variáveis e a experiência de sofrer ou perpetrar violência, identificadas neste estudo.

Portanto, em que pesem essas limitações, nossos resultados corroboram a literatura existente e podem ser úteis para subsidiar a discussão acerca do tema e sugerir áreas em que se possa intervir no meio universitário de maneira a prevenir e minorar o problema da violência de gênero e sexual. Além disso, fica clara a necessidade de se realizarem mais estudos, em outros contextos universitários, para ampliar o conhecimento e o conjunto de possibilidades de intervenção.

Referências

1. Chauí M. Ética e violência. Teoria e Debate 1998. 39 - outubro/novembro/dezembro.
<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2305>.
(acesso em 4 de abril de 2008).
2. Clotet J. Una introducción al tema de la ética. Psico 1986; 12(1):84-92.
3. Freitas CBD, Hossne WS. Pesquisa em seres humanos. In: Costa SI F, Garrafa V, Oselka G, organizadores. Iniciação à Bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina. 1998. p. 193-204.
4. Carrara S, Sarti C. Apresentação. Physis: [on line] 2006; 16(2):163-66.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a02.pdf>
5. Fontes LA. Ethics in violence against women research: The sensitive, the dangerous and the overlooked. Ethics & Behavior 2004; 14(2):141-74.
6. Instituto Patrícia Galvão. Percepção e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher. São Paulo: Pesquisa IBOPE/Instituto Patrícia Galvão com apoio da Ford Foundation e UNIFEM. 2006.
7. Fisher BS, Cullen FT, Turner MG. US Department of Justice. Office of Justice Programs National Institute of Justice. December 2000.
<http://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/182369.pdf> (acesso em 10 de outubro, 2009).

8. Forke CM, Myers RK, Catalozzi M, Schwarz DF. Relationship Violence among female and male college undergraduate students. Arch Pediatr Adolesc Med 2008; 162(7):634-41.
9. Romans S, Forte T, Cohen MM, Du Mont J, Hyman I. Who is most at risk for intimate partner violence? A Canadian population-based study. J Interpers Violence 2007; 22(12):1495-514.
10. Myhill A, Allen J. Rape and sexual assault of women: findings from the British Crime Survey. Findings 159 2002: 1-6.
<http://www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs2/r159.pdf> (acesso em 12 de outubro, 2009).
11. World Health Organization. WHO Multi-country study on women's health and domestic violence against women. Initial results on prevalence, health outcomes and women's responses. Geneva: World Health Organization. 2005.
12. Martinez LW. Rompiendo el silencio: Del remanso romántico a la agitación de una violencia inesperada. Fermentum [on line] 2006; 16(47): 607-640.
http://www.saber.ula.ve/cgi-win/be_alex.exe?Acceso=T016300003482/3.
(acesso em 5 jul 2007).
13. Lehrer JÁ, Lehrer VL, Lehrer EL, Oyarzún PB. Prevalence of and risk factors for sexual victimization in college women in Chile. Int Fam Plan Perspect 2007; 33(4)168-75.

14. Aldrighi T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática* 2004; 6(1):105-20.
15. Schraiber LB, d'Oliveira AFPL, Couto MT. Violência e saúde: estudos cinetíficos recentes. *Ver Saúde Pública* 2006, 40:112-20.
16. Azevedo D. Unicamp intensifica segurança de alunos. *Correio Popular – Cidades* [on line] 10/05/2004.
http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/maio2004/clipping04510_correiopop.html (acesso em 5 jul 2007).
17. Simionato M. Policia prende três universitários acusados de estupro em Campinas. *FolhaOnline*, 06/04/2005. <http://www1.olha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u107654.shtml>. (acesso em 5 jul 2007).
18. Gomes E, Guzzo F. Notícias negativas agitam comunidade universitária. *Jornal da PUC-Campinas* [on line] 25/04/2005.
http://www.puccampinas.br/rep/imprensa/jornaldapuc/ano1_edicao_6.pdf. (acesso em 5 jul 2007)
19. *Folha Online*. Aluna diz ter sido estuprada em faculdade em SP; instituição avalia medidas de segurança. 02/03/2009.
<http://www1.olha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u511199.shtml>. (acesso em 2 março de 2009).

20. Altman DG. Practical statistics for medical research. Boca Raton: Chapman & Hall/CRC, 1999.
21. Barros AJD, Hirakata VN. Alternatives for logistic regression in cross-sectional studies: an empirical comparison of models that directly estimate the prevalence ratio. BMC Med Res Methodol 2003; 3:21.
22. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96 – Sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Bioética 1996; 4:15-25.
23. d'Oliveira AFPL, Schaiber LB, França-Junior I, Ludermir AB, Portella AP, Diniz CS, Couto MT, Valença O. Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. Ver Saúde Pública 2009, 43(2):299-310.
24. Menezes TC, Amorim MMR, Santos LC, Faúndes A. Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. Rev Bras Ginecol Obstet 2003; 25(5):309-16.
25. World Health Organization. Addressing violence against women and achieving the Millenium Development Goal. Geneva: World Health Organization. 2005.
26. Mota JC, Vasconcelos AGG, Assis SG. Análise de correspondência como estratégia para descrição do perfil da mulher vítima do parceiro atendida em serviço especializado. Ciênc. saúde coletiva [online] 2007, 12(3):799-809. <http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n3/30.pdf> (acesso em 11 de agosto 2009).

27. Heise LL. Violence against women. An integrated ecological framework. *Violence Against women* 1998, 4(3):262-90.
28. Leme MIS. A gestão da violência escolar. *Revista Diálogo Educacional (PUCPR)* 2009, 9:541-55. [online]
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/391_901.pdf (acesso em 21 de nov 2009).
29. Arroyo MG. Conhecimento, Ética, Educação, Pesquisa. *Revista E-Curriculum PUCSP* [online] 2007, 2(2), junho.
http://www.pucsp.br/ecurriculum/artigos_v_2_n_2_jun_2007/1arroyo_trabalhocompleto2007.pdf (acesso em 2 de janeiro de 2010).
30. Starky R. Gods, rituals and the moral order. *Journal for the Scientific Study of Religion* 2001, 40(4):619-36.
31. Bahr SJ, Maugham SL, Marcus AC, Li B. Family, religiosity, and the risk of adolescent drug use. *Journal of Marriage and the Family* 1998, 60:979-92.
32. Howard D, Qiu Y, Boekeloo B. Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *J Adolesc Health* 2003, 33(1):9-17.
33. Anacleto AJ Njaine K, Longo GZ, Boing AF, Peres KG. Prevalência e fatores associados à violência entre parceiros íntimos: um estudo de base populacional em Lages, Santa Catarina, Brasil, 2007. *Cad Saúde Pública* 2009, 25(4): 800-8.

34. Adams-Curtis LE, Forbes GB. College women's experiences of sexual coercion: a review of cultural, perpetrator, victim, and situational variables. *Trauma Violence Abuse* 2004, 5(2):91-122.
35. Scheepers P, Grotenhuis MT, Slik FVD. Education, religiosity and moral attitudes: explaining cross-national effect differences. *Sociology of Religion* 2002, 63(2):157-76.
36. Ribeiro JC. Os universitários e a transcendência – visão geral, visão local. *Revista de Estudos da Religião* 2004(2):79-119.
37. Gonçalves HS. Juventude brasileira entre a tradição e a modernidade. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP* 2005, 17(2):207-19.

Tabela 1 – Distribuição percentual dos estudantes segundo variáveis sociodemográficas (n=2430)

Variável	N	%
Sexo		
Masculino	1228	51,0
Feminino	1167	49,0
Idade (anos)		
<25	1409	62,0
≥25	862	38,0
Estado marital		
Solteira	1985	83,0
Unida/ alguma vez unida	405	17,0
Cor		
Branca	1796	76,5
Outra	553	23,5
Fonte de renda		
Trabalha fora	684	29,0
Só recebe bolsa	902	38,4
Outro	997	42,0
Renda familiar		
Até cinco salários mínimos	554	25,4
Mais que cinco até 10 salários	704	32,2
> 10 salários	926	42,4
Religião		
Alguma	1507	66,0
Nenhuma	784	34,0
Importância dada à religião		
Muito importante	978	42,2
Outra importância	536	23,3
Sem religião	784	34,1
Área de estudo		
Biológicas	464	19,4
Exatas	1304	54,6
Humanas	618	27,1
Nível		
Graduação	1708	71,6
Pós-graduação	678	28,4
Moradia		
Universitária	135	5,7
República não mista/ pensionato	625	26,3
República mista	203	8,5
Só com familiar	1134	47,7
Sozinha	298	12,5
Escore de atitude em gênero		
<14	1184	50,0
14	1174	49,7
Escore de atitude em ética		
<48	939	40,8
≥48	1363	59,2

* Faltou informação de 159 alunos para idade; 35 para sexo; 81 para cor; 28 para religião; 38 para estado marital e 2 deram outras respostas; 79 para tipo de trabalho; 244 para renda familiar e 2 deram outras respostas; 99 para religião; 114 para importância dada à religião e 18 deram outras respostas; 72 para o escore em gênero e 128 para o escore em ética.

Tabela 2 – Experiência das alunas quanto a ter sofrido qualquer tipo de violência e especificamente violência sexual, e experiência dos alunos terem sido perpetradores de qualquer tipo de violência e especificamente violência sexual e de gênero.

Experiência	N	%
Violência sofrida pelas alunas		
Qualquer tipo de violência	634	56,3
Violência sexual	104	9,4
Total de alunas*	1167	
Violência perpetrada pelos alunos		
Qualquer tipo de violência	220	29,9
Violência de gênero	132	11,4
Violência sexual	39	3,3
Total de alunos**	1228	

* Faltou informação de 41 alunas quanto a ter sofrido qualquer tipo de violência, de 55 alunas quanto a ter sofrido violência sexual.

** Faltou informação de 72 alunos quanto a ter perpetrado qualquer tipo de violência e 51 alunos quanto a ter perpetrado violência sexual contra mulheres.

Tabela 3 – Porcentagem das alunas que passaram pela experiência de ter sido vítimas de violência segundo variáveis sociodemográficas

Variável	Sofreram qualquer tipo de violência			Sofreram violência sexual		
	%	n	P	%	n	p
Idade (anos)						
<25	55,7	(663)	0,410	8,4	(652)	0,247
≥25	58,4	(423)		10,7	(419)	
Estado marital						
Solteira	56,4	(908)	0,952	9,7	(895)	0,539
Unida/ alguma vez unida	55,9	(213)		8,1	(211)	
Cor						
Branca	55,9	(868)	0,389	9,7	(855)	0,890
Outra	59,3	(231)		9,1	(230)	
Fonte de renda						
Trabalha fora	55,9	(322)	0,021	8,4	(321)	0,811
Só recebe bolsa	61,2	(430)		9,7	(424)	
Outro	51,3	(349)		9,6	(343)	
Renda familiar						
Até cinco salários mínimos	58,6	(263)	0,731	10,7	(262)	0,143
Mais que cinco até 10 salários	55,4	(336)		7,3	(327)	
> 10 salários	57,1	(429)		11,4	(428)	
Religião						
Alguma	54,4	(777)	0,085	8,2	(765)	0,029
Nenhuma	60,4	(313)		12,8	(313)	
Importância dada à religião						
Muito importante	54,8	(542)	0,246	7,1	(538)	0,023
Outra importância	54,9	(224)		8,8	(216)	
Sem religião	60,4	(313)		12,8	(313)	
Área de estudo						
Biológicas	60,9	(322)	0,042	9,0	(311)	0,202
Exatas	51,8	(419)		7,5	(414)	
Humanas	57,2	(374)		11,2	(376)	
Nível						
Graduação	55,0	(756)	0,265	7,9	(746)	0,046
Pós-graduação	58,8	(359)		11,8	(355)	
Moradia						
Universitária	59,7	(62)	0,030	21,7	(60)	0,005
República não mista/ pensionato	63,0	(262)		8,7	(254)	
República mista	58,0	(81)		15,9	(82)	
Só com familiar	51,9	(555)		7,2	(553)	
Sozinha	61,2	(116)		8,8	(114)	

* Teste qui-quadrado de Yates

+ Teste qui-quadrado de Pearson

Tabela 4 – Porcentagem dos alunos que foram perpetradores de violência segundo variáveis sociodemográficas e escore de atitude em gênero e em ética

Variável	Perpetraram qualquer tipo de violência			Perpetraram violência de gênero			Perpetraram violência sexual contra mulher		
	%	n	P	%	n	p	%	n	p
Idade (anos)									
<25	31,6	(671)	0,223	10,7	(671)	0,328	3,5	(683)	>0,999
≥25	27,8	(395)		12,9	(395)		3,5	(402)	
Estado marital									
Solteira	30,5	(974)	0,430	11,7	(974)	0,419	3,4	(994)	0,887
Unida/ alguma vez unida	27,2	(173)		9,2	(173)		2,9	(174)	
Cor									
Branca	30,2	(843)	0,811	11,2	(843)	0,709	3,0	(857)	0,504
Outra	29,3	(287)		12,2	(287)		4,1	(295)	
Fonte de renda									
Trabalha fora	31,3	(336)	0,228	12,5	(336)	0,071	3,6	(333)	0,901
Só recebe bolsa	32,6	(402)		13,7	(402)		3,4	(417)	
Outro	27,2	(390)		8,7	(390)		3,0	(399)	
Renda familiar									
Até cinco salários mínimos	25,9	(255)	0,115	10,2	(255)	0,287	1,9	(265)	0,221
Mais que cinco até 10 salários	28,8	(340)		8,8	(340)		3,8	(339)	
> 10 salários	33,0	(457)		12,3	(457)		4,1	(463)	
Religião									
Alguma	26,2	(691)	0,002	10,1	(691)	0,111	2,8	(710)	0,214
Nenhuma	35,2	(432)		13,4	(432)		4,4	(434)	
Importância dada à religião									
Muito importante	22,5	(395)	<0,001	9,4	(395)	0,180	1,2	(406)	0,005
Outra importância	32,5	(292)		11,0	(292)		5,0	(302)	
Sem religião	35,2	(432)		13,4	(432)		4,4	(434)	
Área de estudo									
Biológicas	33,9	(124)	0,265	21,8	(124)	<0,001	3,9	(127)	0,830
Exatas	28,6	(812)		9,0	(812)		3,1	(830)	
Humanas	33,2	(211)		15,2	(211)		3,8	(211)	
Nível									
Graduação	31,6	(860)	0,043	11,2	(860)	0,598	3,2	(875)	0,788
Pós-graduação	25,1	(287)		12,5	(287)		3,8	(293)	
Moradia									
Universitária	44,3	(70)	<0,001	18,6	(70)	0,001	4,2	(72)	#
República não mista/ pensionato	32,2	(354)		10,5	(354)		3,1	(357)	
República mista	40,2	(102)		21,6	(102)		8,6	(105)	
Só com familiar	23,8	(425)		7,8	(425)		1,2	(434)	
Sozinha	28,4	(155)		12,9	(155)		4,4	(158)	
Escore de atitude em gênero									
<14	31,0	(664)	0,230	11,9	(664)	0,539	3,6	(675)	0,545
≥14	27,5	(465)		10,5	(465)		2,7	(475)	
Escore de atitude em ética									
<48	38,2	(531)	<0,001	15,3	(531)	<0,001	4,2	(542)	0,157
≥48	22,7	(582)		8,2	(582)		2,5	(589)	

* Teste qui-quadrado de Yates

+ Teste qui-quadrado de Pearson

Teste qui-quadrado inválido

Tabela 5 – Variáveis significativamente associadas ao fato das alunas terem sofrido ou perpetrado violência e dos alunos terem perpetrado vários tipos de violência (análise múltipla por regressão de Poisson)

• Variável dependente	RP	IC 95% RP	p
Modelo 1 (n=862)			
• Alunas que sofreram qualquer tipo de violência			
Sem variáveis associadas			
Modelo 2 (n=853)			
• Alunas que sofreram violência sexual			
Moradia: Só com familiar	1,00	-	-
Demais/ sozinha	1,71	[1,10–2,66]	0,018
Modelo 3 (n=815)			
• Alunos que perpetraram qualquer tipo de violência			
Escore de atitude em ética: <48	1,00	-	-
≥48	0,59	[0,45–0,77]	<0,001
Importância dada à religião: Muita	1,00	-	-
Outra/ Sem religião	1,47	[1,10–1,98]	0,010
Área de estudo: Exatas	1,00	-	-
Humanas/Biológicas	1,33	[1,02–1,73]	0,035
Modelo 4 (n=815)			
• Alunos que perpetraram violência de gênero			
Escore de atitude em ética: <48	1,00	-	-
≥48	0,41	[0,26–0,63]	<0,001
Área de estudo: Exatas	1,00	-	-
Humanas/Biológicas	2,17	[1,44–3,28]	<0,001
Tipo do trabalho: Trabalha fora	1,00	-	-
Só recebe bolsa	1,55	[1,03–2,34]	0,038
Modelo 5 (n=826)			
• Alunos que perpetraram violência sexual contra mulher			
Moradia: Só com familiar	1,00	-	-
Demais/sozinho	3,63	[1,26–10,44]	0,017
Importância dada à religião: Muita	1,00	-	-
Outra/Sem religião	4,23	[1,28–14,01]	0,018

RP: Razão de prevalência; IC 95% RP: Intervalo de Confiança de 95% para a RP

4. Conclusões

- Mais da metade (56,3%) das alunas que participaram da pesquisa referiram ter sofrido algum tipo de violência desde seu ingresso na universidade; 9,4% mencionaram especificamente violência sexual. Entre os alunos, 20,2% referiram ter perpetrado algum tipo de violência desde seu ingresso na universidade, sendo que 11,4% nomearam violência de gênero e 3,3% violência sexual.
- A maioria (60%) das alunas apresentou escore máximo em gênero, comparada a 40,9% dos homens; 67,1% das mulheres tiveram escore em ética acima da mediana em comparação com 51,8% dos homens.
- A atitude em gênero não esteve associada à experiência dos homens de serem perpetradores de qualquer tipo de violência, inclusive de gênero e sexual. Em geral, os escores em gênero foram elevados, tanto entre homens quanto entre mulheres, denotando homogeneidade nas respostas às questões propostas.
- A atitude em ética esteve associada à experiência dos homens de serem perpetradores de qualquer tipo de violência, e especificamente de violência

de gênero: essa experiência foi mais frequente entre homens com menores escores em ética.

- O tipo de trabalho realizado, o local de moradia, a área de estudos e a religião foram variáveis associadas experiência das alunas de terem sofrido qualquer tipo de violência desde seu ingresso na universidade. O nível de estudos, o local de moradia, a religião e a importância dada a ela associaram-se à experiência das alunas terem sofrido especificamente violência sexual. Essas mesmas variáveis estiveram associadas à experiência dos alunos perpetrarem qualquer tipo de violência. A área de estudos e o local de moradia associaram-se à experiência dos homens terem perpetrado violência de gênero. A importância dada à religião foi a única variável associada à experiência dos homens terem perpetrado violência sexual.

5. Referências Bibliográficas

1. World Health Organization. Recommendations from the world report in violence and health [on line] 2002 [acesso em 5 jul 2007]. Disponível em: URL: www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/factsheets/en/youthviolencefacts.Pdf.
2. Holanda AB. Aurélio On-Line corresponde à 3ª edição, 2ª impressão da Editora Positivo. Verbete. [on line] 2004. [Acesso em 24 de abril de 2008]. Disponível em: URL: <http://200.225.157.123/dicaureliopos/manual/creditos.asp>. 2004.
3. Chauí M. Ética e violência. Teoria e Debate [on line] 1998. 39 - outubro/novembro/dezembro. [acesso em 4 de abril de 2008]. Disponível em: URL: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2305>.
4. Clotet J. Una introducción al tema de la ética. Psico. 1986; 12(1):84-92.
5. Freitas CBD, Hossne WS. Pesquisa em seres humanos. In: Costa SIF, Garrafa V, Oselka G (orgs). Iniciação à Bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina. 1998. p.193-204.

6. Faúndes A, Barzelatto J. Valores Éticos. In: Faúndes A, Barzelatto J (eds). O Drama do Aborto: em busca de um consenso. Campinas: Editora Komedi; 2004. p.163-81.
7. Goldim JR. Moral. [acesso em 27 de março de 2008]. Disponível em: URL: <http://www.ufrg.br/bioetica/moral.htm>.
8. Carrara S, Sarti C. Apresentação. Physis: [on line] 2006; 16(2):163-66. [acesso em 5 de abril de 2008]. Disponível em: URL: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a02.pdf>
9. Meyer DE. Do poder ao gênero: uma articulação teórica-analítica. In Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR(eds). Gênero & Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. p.41-55.
10. Fontes LA. Ethics in violence against women research: The sensitive, the dangerous and the overlooked. Ethics & Behavior, 2004; 14(2): 141-74.
11. Organização das Nações Unidas (ONU). Declaração da ONU sobre a eliminação da violência contra a mulher. Artigo 1 da Resolução 484 da Assembleia Geral da ONU. Geneva: Organização das Nações Unidas, 10 de dezembro de 1993.
12. Pitanguy J. Violência de gênero e saúde. Interseções. In: Berquó E. Sexo & Vida. Panomorana da Saúde Reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora Unicamp; 2003. p. 319-37.
13. Elssberg M, Jansen HAFM, Heise L, Watts CH, Garcia Moreno C. Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO multi-country study on women's health and domestic violence: an observational study. Lancet. 2008; 371(9619):1165-72.

14. Faúndes A, Hardy E, Osis MJD, Duarte GA. Risco para queixas ginecológicas e disfunções sexuais segundo história de violência sexual. *Rev Bras Ginecol Obstet.* 2000; 22(3):153-7.
15. Heise L, Pintaguy J, Germain A (orgs). *Violencia contra la Mujer: La Carga Oculta sobre la Salud.* Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud. Programa Mujer, Salud y Desarrollo. 1994. 103p.
16. World Health Organization. *WHO Multi-country study on women's health and domestic violence against women. Initial results on prevalence, health outcomes and women's responses.* Geneva: World Health Organization; 2005.
17. Schraiber LB, d'Oliveira AF, França I Jr, Pinho AA. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. *Rev Saúde Pública.* 2002;36(4):470-7.
18. Kronbauer JFD, Meneghel SN. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Rev Saúde Pública.* 2005; 39(5):695-701.
19. Silva IV. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública.* 2003;19 (Sup. 2): S263-S272.
20. Reichenheim ME, Moraes CL, Szklo A, Hasselmann MH, Souza ER, Lozana JA et al. The magnitude of intimate partner violence in Brazil: portraits from 15 capital cities and the Federal District. *Cad Saúde Pública.* 2006;22(2):425-37.
21. D'Oliveira AFPL, Schraiber LB, França-Junior I, Ludermir AB, Portella AP, Diniz CS et al. Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. *Rev Saúde Pública.* 2009, 43(2):299-310.

22. Heise LL. Violence against women. An integrated ecological framework. *Violence Against Women*. 1998; 4(3):262-90.
23. Instituto Patrícia Galvão. Percepção e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher. São Paulo: Pesquisa IBOPE/Instituto Patrícia Galvão com apoio da Ford Foundation e UNIFEM. 2006.
24. Fisher BS, Cullen FT, Turner MG. US Department of Justice [on line]. Office of Justice Programs National Institute of Justice. [acesso em 10 de outubro, 2009]. 2000 December. Disponível em: URL: <http://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/182369.pdf>.
25. Forke CM, Myers RK, Catalozzi M, Schwarz DF. Relationship violence among female and male college undergraduate students. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2008; 162(7):634-41.
26. Romans S, Forte T, Cohen MM, Du Mont J, Hyman I. Who is most at risk for intimate partner violence? A Canadian population-based study. *J Interpers Violence*. 2007; 22(12):1495-514.
27. Myhill A, Allen J. Rape and sexual assault of women: findings from the British Crime Survey. *Findings* 159 2002: 1-6.
<http://www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs2/r159.pdf> (acesso em 12 de outubro, 2009).
28. Martinez LW. Rompiendo el silencio: Del remanso romántico a la agitación de una violencia inesperada. *Fermentum* [on line] 2006; 16(47): 607-40. [acesso em 5 jul 2007]. Disponível em: URL: http://www.saber.ula.ve/cgi-win/be_alex.exe?Acceso=T016300003482/3.
29. Lehrer JA, Lehrer VL, Lehrer EL, Oyarzún PB. Prevalence of and risk factors for sexual victimization in college women in Chile. *International Family Planning Perspectives*. 2007; 33(4):168-75.

30. Azevedo D. Unicamp intensifica segurança de alunos. Correio Popular – Cidades [on line] 10 de maio de 2004. [acesso em 5 jul 2007]. Disponível em: URL: http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/maio2004/clipping04510_correiopop.html
31. Simionato M. Policia prende três universitários acusados de estupro em Campinas. [on line] FolhaOnline, 06 de abril de 2005. [acesso em 5 jul 2007]. Disponível em: URL: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u107654.shtml>.
32. Gomes E, Guzzo F. Notícias negativas agitam comunidade universitária. Jornal da PUC-Campinas [on line] 25 de abril de 2005. [acesso em 5 jul 2007]. Disponível em: URL: http://www.puccampinas.br/rep/imprensa/jornaldapuc/ano1_edicao_6.pdf.
33. Folha Online. Aluna diz ter sido estuprada em faculdade em SP; instituição avalia medidas de segurança [on line] Cotidiano [acesso em 02 de março de 2009]. Disponível em: URL: <http://www1.olha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u511199.shtml>.
34. Aldrighi T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. Psicologia: Teoria e Prática. 2004; 6(1):105-20.

6. Anexos

6.1. Anexo 1 – Sujeitos e Métodos da pesquisa “Frequência e características da violência interpessoal entre alunos de graduação de uma universidade paulista”

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

6.1.1. Desenho do Estudo

Pretende-se realizar um estudo com abordagem quanti e qualitativa. Inicialmente será realizado um estudo descritivo, de corte transversal, e em seguida um estudo qualitativo com a técnica de grupos focais, que é apropriada para aprofundar a compreensão sobre as experiências e perspectivas das pessoas (Morgan, 1998).

6.1.2. Tamanho amostral

Para a abordagem quantitativa, será realizado um censo de todos os alunos dos cursos de graduação de uma universidade paulista. Para a abordagem qualitativa será feita uma amostra proposital (Morgan, 1998).

6.1.3. Critérios e Procedimentos para Seleção dos Participantes

Para o componente quantitativo do estudo serão convidados a participar todos os alunos dos cursos de graduação. Será solicitado à Pró-Reitoria de Graduação que envie por correio eletrônico uma carta convite (Anexo 1) e um link para o questionário (Anexo 2) a cada um deles.

Para selecionar possíveis participantes do componente qualitativo (grupos focais) será utilizada a técnica da “bola de neve” ou rede social (Patton, 1990). Esta técnica consiste em identificar alunos(as) elegíveis chamados “egos”, convidá-los a participar e pedir a cada um deles que indique outros alunos com determinadas características, semelhantes a eles. As características a serem consideradas serão o sexo dos estudantes e o ano de ingresso, para homogeneizar a composição dos grupos e facilitar a discussão (Morgan, 1998). Os (as) alunos (as) indicados serão contatados e convidados a participar de um grupo focal. Os que aceitarem participar serão alocados nos grupos focais conforme as características de homogeneização. Serão realizados 12 grupos focais, dois com cada grupo definido segundo as características de interesse.

6.1.4. Definição de Variáveis e Conceitos

Serão estudadas as seguintes variáveis, conforme referidas pelos sujeitos:

- Idade: em anos completos.
- Sexo: feminino, masculino.
- Cor da pele: autot classificada pelos entrevistados entre as alternativas branca, negra, morena, mulata, outras.
- Estado civil: solteiro, casado, vive junto, separado/divorciado ou viúvo.
- Situação marital: unido, vive com uma parceira fixa; não unido.
- Número de filhos vivos: total de filhos vivos por ocasião da entrevista.
- Estado de nascimento: Estado da federação onde nasceu dentre todos os estados brasileiros e mais a alternativa Estrangeiro, para o caso de alunos nascidos fora do Brasil.
- Renda familiar: valor da renda total da família em Reais.
- Trabalho remunerado: sim ou não.
- Recebimento de salário ou mesada: valor do salário e/ou mesada recebido pelo entrevistado em Reais.
- Local de residência: com os pais, com companheiro(a)/parceiro (a), república, sozinho, outros.
- Área de estudo: Biológicas, Humanas ou Exatas.
- Ano de ingresso na universidade: referido pelo aluno.
- Religião declarada: religião à qual o participante referir pertencer dentre as alternativas: Católica, Protestante Tradicional, Espírita Kardecista, Umbanda/Candomblé, Religiões Orientais, Evangélica, Judaica Israelita, Outras.

- Importância da religião na vida do participante: grau de importância da religião praticada: Muito importante, importante, sem muita importância, nada importante.
- Atitude quanto a questões de gênero: medida em relação à atribuição de funções sociais e atividades de âmbito público e privado como sendo inerentes aos dois sexos em oposição a associá-los somente às mulheres ou aos homens. Categorizada em igualitária e não igualitária.
- Conhecimento sobre formas de violência: medida através da identificação dessas situações dentre as alternativas: quando alguém dá um tapa/chuta/machuca fisicamente outra pessoa; quando alguém humilha/deprecia/insulta outra pessoa; quando alguém destrói algo que pertence a outra pessoa; quando alguém priva outra pessoa de algo de que ela necessita; quando alguém grita com outra pessoa; quando alguém embriaga ou dá drogas a outra pessoa para tirar alguma vantagem disso.
- Conhecimento sobre formas de violência ou abuso sexual: medida através da identificação dessas situações dentre as alternativas: quando alguém passa a mão em uma pessoa sem que ela queira; quando o marido obriga a esposa a ter relações sexuais, mesmo quando ela não quer; quando alguém se aproveita de uma pessoa que bebeu/usou drogas para transar com ela; quando um (a) médico (a) pede para uma pessoa tirar a roupa sem precisar; quando alguém se aproveita da sua posição de chefe para pressionar outra pessoa a transar; quando alguém se oferece para resolver problemas econômicos em troca de favores sexuais; quando o namorado força a namorada a transar porque ela disse que queria, mas na hora se arrependeu.
- Vivência de situações de violência: referência dos entrevistados a terem sofrido violência em sua vida, e especificamente terem passado pelas seguintes situações nos 12 meses anteriores à entrevista ou em algum outro momento de sua vida: alguém o insultou ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesmo; alguém depreciou ou humilhou

you in front of other people; someone did things to scare you or intimidate you on purpose (stares, screams, breaking objects); someone threatened to hurt you or someone or something you like; someone slapped you or threw something at you that could hurt you; someone pushed or gave you a shove or a shoulder bump; someone hurt you with a punch or with an object; someone kicked/dragged or threw you; someone threatened to use or actually used a weapon, knife or another type of weapon; someone forced you physically to maintain sexual relations when you didn't want to; someone forced you into a degrading or humiliating sexual practice; you had a sexual relationship out of fear of what the other person could do; a partner refused to use a condom; a partner agreed to use a condom but then didn't.

- Perpetrator of the violence situations: person who was the agent of the violence in the situations mentioned above, among the following: mother/adoptive mother, father/adoptive father, brothers, other family members, neighbors, friends, classmate, classmate (student) of the university, professor, university employee, boss, other people.
- Places where the violence situations occurred: places where the interviewees refer to have occurred the situations mentioned above, categorized as: own home, parents' home, friends' home, republics, street, bars/nightclubs, on the university campus, at the workplace.
- Recognition of being a perpetrator of violence: self-evaluation of the interviewees about being their own agents of violence in the situations mentioned above.
- Ethical attitudes in relation to self, others and the university community: measured through the opinion of the interviewees about the following postures: cheating on exams; respecting schedules; teasing others in class; only talking and not listening; cutting in line; talking during class; messing with things

dos outros sem autorização; pedir para colegas assinarem a lista de presença por você; cuidar da escola; jogar lixo no chão.

6.1.5. Técnicas e Instrumentos para Coleta de Dados

Para coleta dos dados quantitativos será utilizado um questionário estruturado, cuja versão preliminar se encontra no Anexo 2, que será pré-testado com universitários semelhantes aos que serão incluídos na amostra. Após o pré-teste, caso seja necessário, serão acrescentadas formas alternativas de fazer as perguntas, visando à sua melhor compreensão pelos entrevistados. O questionário estará constituído de uma seção de características sociodemográficas, outra de investigação acerca da vivência de violência em geral na vida dos participantes, e outra que abordará a sua opinião sobre o tema.

Como instrumentos para o desenvolvimento do componente qualitativo (grupos focais) serão utilizados: uma Lista de Verificação (Anexo 3) para alocar os possíveis participantes nos grupos focais conforme as características de interesse do estudo, uma Ficha de Caracterização dos Participantes (Anexo 4) e um roteiro que será elaborado a partir dos resultados observados no componente quantitativo, e será pré-testado. Esse roteiro conterá perguntas de partida e de aprofundamento baseadas nos resultados quantitativos preliminares, visando a obter uma compreensão mais aprofundada desses resultados, além de explorar as possibilidades de intervenções junto à comunidade universitária em relação ao tema da violência.

6.1.6. Coleta dos Dados

Componente quantitativo:

Os alunos receberão o convite para participar da pesquisa através de seu correio eletrônico cadastrado na universidade. Serão orientados a acessar o “link”, que constará do convite, e preencher o questionário da pesquisa.

Um mês após os sujeitos terem recebido o convite para participar da pesquisa, será enviada uma nova mensagem, pedindo que os alunos respondam o questionário e também que desconsiderem este segundo convite se já responderam. O objetivo dessa medida é aumentar a participação na pesquisa. Será necessário fazer esse segundo envio a todos os alunos porque não será possível identificar apenas os que ainda não responderam, dadas as medidas adotadas para assegurar o sigilo.

Componente qualitativo

Para esta etapa do estudo, inicialmente serão identificados aluno(as) egos, a partir dos quais se iniciará o processo de “bola de neve”, identificando-se outros semelhantes e que estejam dispostos a participar, até que se obtenham, pelo menos, 150 contatos. A cada um deles será aplicada a Lista de Verificação. Com base nessas informações dos(as) alunos(as) que potencialmente puderem participar, serão montados os possíveis grupos e feitos os convites para participar de um grupo focal específico. A princípio, em cada grupo, no mínimo, serão alocadas oito pessoas, e no máximo 12.

Os grupos focais serão realizados em sala apropriada, com privacidade para as discussões e condições adequadas para a gravação das mesmas mediante autorização dos participantes. A duração de cada grupo não deve ultrapassar duas horas. Cada grupo terá um(a) pesquisador(a) como moderador(a) e haverá sempre duas pessoas que farão as anotações. Uma vez que a pesquisa aborda um tema polêmico, o moderador dos grupos focais com os alunos será sempre um pesquisador do sexo masculino e os grupos realizados com as alunas serão moderados por uma pesquisadora do sexo feminino.

6.1.7. Controle de qualidade

As seguintes atividades e estratégias serão realizadas para assegurar a qualidade dos dados quantitativos:

- Pré-teste do questionário.
- Limpeza e consistência do banco de dados.

Para propiciar a qualidade dos dados qualitativos, serão adotados os seguintes procedimentos:

- Coordenação dos grupos focais e da análise por pesquisadoras com ampla experiência nessa técnica.
- A moderação dos grupos focais com alunos será feita por um pesquisador, e a moderação dos grupos focais com as alunas será feita por uma pesquisadora.
- Por ocasião da realização de cada grupo focal serão utilizados dois gravadores para garantir o registro da informação.

- As anotações das falas dos participantes nos grupos focais auxiliarão o trabalho da pessoa responsável pela transcrição da fita.
- A transcrição de cada um dos grupos focais será revisada (segunda escuta) pela moderadora do grupo, com o objetivo de assegurar que a discussão do grupo tenha sido transcrita fielmente e resolver possíveis dúvidas.

6.2. Anexo 2 – Questionário da pesquisa “Frequência e características da violência interpessoal entre alunos de graduação de uma universidade paulista”

Violência interpessoal entre alunos de graduação de uma universidade paulista

Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas - Pró-reitoria de Graduação

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

01. Idade:

Por favor escreva aqui a sua resposta:

02. Sexo:

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Feminino
- 2. Masculino

03. A cor de sua pele é:

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Negra
- 2. Morena
- 3. Mulata
- 4. Branca
- Outro: _____

04. Em qual região do Brasil você nasceu?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Norte
- 2. Nordeste
- 3. Sudeste
- 4. Sul
- 5. Centro-Oeste
- 6. Nasci em outro país da América Latina
- 7. Nasci em outro país
- Outro: _____

05. Em qual ano você ingressou na universidade?

Por favor escreva aqui a sua resposta:

06. Sua área de estudo é:

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Biológicas - Graduação
- 2. Exatas - Graduação
- 3. Humanas - Graduação
- 4. Biológicas - Pós-graduação
- 5. Exatas - Pós-graduação
- 6. Humanas - Pós-graduação

07. Atualmente você mora:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

-
- 1. Com os pais
 - 2. Com o(a) esposo(a); companheiro(a)
 - 3. Com o(a) namorado(a); noivo(a)
 - 4. Em república mista
 - 5. Em república não mista
 - 6. Na moradia da universidade
 - 7. Sozinho
 - 8. Sem resposta

Outro: _____

08 Qual seu estado marital?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Casado(a)
- 2. Unido(a)
- 3. Solteiro(a)
- 4. Separado(a);divorciado(a)
- 5. Viúvo(a)
- Outro: _____

09 Quantos filhos você tem no total?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Um
- 2. Dois
- 3. Três
- 4. Quatro ou mais
- 5. Nenhum
- Outro: _____

10 Você trabalha fora, recebe mesada ou tem bolsa de estudo?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Trabalho fora
- 2. Recebo mesada
- 3. Tenho bolsa de estudo
- 4. Não trabalho fora, e não recebo mesada, e não tenho bolsa de estudo
- 5. Sem resposta

Outro: _____

11 Qual é a sua renda pessoal (trabalho e/ou mesada e/ou bolsa)?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Até R\$ 415,00
- 2. De R\$ 416,00 até R\$ 2.075,00
- 3. De R\$ R\$ 2.076,00 até R\$ 4.150,00
- 4. De R\$ 4.151,00 até R\$ 6.225,00
- 5. De R\$ 6.226,00 até R\$ 8.300,00
- 6. R\$ 8.301,00 ou mais
- 7. Não tenho renda pessoal
- Outro: _____

12 Qual é a renda total de sua família?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Até R\$ 415,00
 - 2. De R\$ 416,00 até R\$ 2075,00
 - 3. De R\$ 2.076,00 até R\$ 4.150,00
 - 4. De R\$ 4.151,00 até R\$ 6.225,00
 - 5. De R\$ 6.226,00 até R\$ 8.300,00
-

-
- 6. R\$ 8.301,00 ou mais
 - Outro: _____

13 Qual é a sua religião?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Católica
- 2. Protestante
- 3. Espírita Kardecista
- 4. Umbanda, Candomblé
- 5. Religiões orientais
- 6. Evangélica
- 7. Judaica, Israelita
- 8. Nenhuma
- Outro: _____

14 Qual a importância da religião na sua vida?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Muito importante
- 2. Pouco importante
- 3. Nada importante
- 4. Não tenho religião
- Outro: _____

CONSUMO DE ALCOOL

15 Alguma vez você sentiu que deveria diminuir a quantidade de bebida?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO

16 As pessoas o aborrecem porque criticam o seu modo de beber?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO

17 Você se sente culpado pela maneira como bebe?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO

18 Você costuma beber de manhã para diminuir o nervosismo ou a ressaca?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO

19 Você ou outra pessoa já se machucou devido a alguma bebida sua?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. Nunca
- 2. Sim, mas não nos últimos 12 meses
- 3. Sim, nos últimos 12 meses

20 Em relação as outras drogas, com que frequência você usou/usa na sua vida... (1)

Nunca usei; (2) Só experimentei; (3) Uso às vezes; (4) Uso sempre; (5) Usei, não uso mais

Por favor escolha uma resposta apropriada para cada item:

- | | | | | | | | | | | |
|---------------------|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|
| 1. Cigarro? | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 2. Maconha/baseado? | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 3. Outras drogas? | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |

OPINIÃO - I

21 Na lista abaixo, assinale o que você considera que é: (1) Coisa de mulher; (2) Coisa de homem; (3) De ambos; (4) Não sei; (5) Não tenho opinião formada

Por favor escolha uma resposta apropriada para cada item:

- | | | | | | | | | | | |
|--|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|
| 1. Limpar a casa | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 2. Cuidar dos filhos | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 3. Dirigir caminhão | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 4. Sustentar a casa | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 5. Jogar futebol | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 6. Lavar a roupa | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 7. Chorar | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 8. Trabalhar fora de casa | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 9. Cozinhar | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 10. Governar o país | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 11. Dirigir um grande banco | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 12. Prevenção de Doenças de Transmissão Sexual | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 13. Prevenção de gravidez | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 14. Decidir quando vai ter relação sexual | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |

OPINIÃO II

22 Na lista abaixo, assinale o que você considera que seja aceitável fazer: (1) Sempre; (2) Na maioria das vezes; (3) De vez em quando; (4) Nunca; (5) Não tenho opinião formada

Por favor escolha uma resposta apropriada para cada item:

- | | | | | | | | | | | |
|--|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|
| 1. Colar nas provas | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 2. Não cumprir horários | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 3. Debochar do outro na classe | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 4. Só falar e não escutar | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 5. Furar filas no bandejão | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 6. Matar aula | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 7. Pedir para colegas assinarem a lista de presença por você | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 8. Jogar lixo no chão | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 9. Atravessar a rua fora da faixa de pedestre mesmo que a faixa esteja próxima a v | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 10. Ter seu nome colocado em um trabalho do qual não participou de fato | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 11. Ultrapassar o sinal vermelho | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 12. Andar de bicicleta na contra mão | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 13. Parar o carro sobre a ciclovia | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 14. Copiar de outros colegas as respostas de listas de exercícios | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |

OPINIÃO III

23 Quais destas situações você considera violência?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Quando alguém dá um tapa, chuta, machuca fisicamente outra pessoa.
 - 2. Quando alguém humilha, deprecia, insulta outra pessoa.
-

-
- o 3. Quando alguém destrói algo que pertence a outra pessoa.
 - o 4. Quando alguém priva outra pessoa de algo de que ela necessita.
 - o 5. Quando alguém grita com outra pessoa.
 - o 6. Quando alguém embriaga outra pessoa para tirar alguma vantagem disso.
 - o 7. Nenhuma delas
 - o 8. Sem resposta

Outro: _____

24 Quais destas situações você considera abuso ou violência sexual?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Quando alguém passa a mão em uma pessoa sem que ela queira.
- o 2. Quando o marido obriga a esposa a ter relações sexuais mesmo quando ela não queira.
- o 3. Quando alguém se aproveita de uma pessoa que bebeu para transar com ela.
- o 4. Quando um(a) médico(a) pede para um(a) cliente tirar a roupa sem precisar.
- o 5. Quando alguém se aproveita da sua posição de chefe para pressionar outra pessoa para transar.
- o 6. Quando alguém se oferece para resolver problemas econômicos em troca de favores sexuais.
- o 7. Quando o namorado força a namorada a transar porque ela disse que queria e, na hora, se arrependeu.
- o 8. Quando o parceiro se dispõe a usar camisinha e na hora da relação não usa.
- o 9. Nenhuma delas
- o 10. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS I

25 Desde seu ingresso na universidade, alguma pessoa:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Insultou você ou fez com que se sentisse mal a respeito de si mesmo(a)
- o 2. Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas
- o 3. Fez coisas para assustá-lo(a) ou intimidá-lo(a) de propósito (Por ex.: a forma como ele(a) o(a) olha, como grita, como quebra coisas/objetos pessoais)
- o 4. Ameaçou machucá-lo(a) ou alguém ou algo de que você gosta
- o 5. Não fui tratado(a) assim por ninguém - PULE PARA VIVÊNCIAS II
- o 6. Sem resposta

Outro: _____

26 Quem era essa pessoa?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Mãe/mãe adotiva
- o 2. Pai/pai adotivo
- o 3. Esposo(a), companheiro(a)
- o 4. Namorado(a), noivo(a)
- o 5. Amigo(a) (s)
- o 6. Colega de turma
- o 7. Estudante da universidade
- o 8. Professor(a)
- o 9. Funcionário(a) da universidade
- o 10. Sem resposta

Outro: _____

27 Você diria que isso aconteceu: (1) Uma vez; (2) Poucas vezes; (3) Várias vezes; (4) Muitas vezes; (5) Nunca.

Por favor escolha uma resposta apropriada para cada item:

- | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|
| 1. Nos últimos 12 meses | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 2. Antes dos últimos 12 meses | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |

28 Onde isso aconteceu?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Em minha casa
- 2. Na casa de meus pais
- 3. Na casa de meu(minha) namorado(a), noivo(a)
- 4. Na república onde moro
- 5. Na moradia
- 6. Na casa de amigos
- 7. Na rua
- 8. Em bar/casa noturna
- 9. No próprio campus da universidade
- 10. Na sala de aula
- 11. No trabalho
- 12. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS II

29 Desde seu ingresso na universidade, alguma pessoa:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-lo(a)
- 2. Empurrou ou deu-lhe um tranco/ chacoalhão
- 3. Machucou com um soco ou com algum objeto
- 4. Deu um chute, arrastou ou surrou você
- 5. Estrangulou ou queimou você de propósito
- 6. Ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você
- 7. Não fui tratado(a) assim por ninguém - PULE PARA VIVÊNCIAS III
- 8. Sem resposta

Outro: _____

30 Quem é essa pessoa?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Mãe/mãe adotiva
- 2. Pai/pai adotivo
- 3. Esposo(a), companheiro(a)
- 4. Namorado(a), noivo(a)
- 5. Amigo(a)(s)
- 6. Colega de turma
- 7. Estudante da universidade
- 8. Professor(a)
- 9. Funcionário(a) da universidade
- 10. Sem resposta

Outro: _____

31 Você diria que isso aconteceu: (1) Uma vez; (2) Poucas vezes; (3) Várias vezes; (4) Muitas vezes; (5) Nunca

Por favor escolha uma resposta apropriada para cada item:

- | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|
| 1. Nos últimos 12 meses | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 2. Antes dos últimos 12 meses | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |

32 Onde isso aconteceu?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Em minha casa
- 2. Na casa de meus pais
- 3. Na casa do(a) meu(minha) namorado(a), noivo(a)
- 4. Na república onde moro
- 5. Na moradia
- 6. Na casa de amigos
- 7. Na rua
- 8. Em bar/casa noturna
- 9. No próprio campus da universidade
- 10. Na sala de aula
- 11. No trabalho
- 12. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS III

33 Desde seu ingresso na Universidade , alguma pessoa:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Forçou fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria
- 2. Você teve relação sexual porque estava com medo do que ele(ela) pudesse fazer
- 3. Você teve relação sexual apesar de não querer porque acha que é um direito dele(ela)
- 4. Forçou você a manter uma prática sexual degradante ou humilhante
- 5. Combinou que usariam camisinha, mas na hora da relação não cumpriu o combinado
- 6. Recusou-se a usar camisinha durante a relação sexual
- 7. Não fui tratado(a) assim por ninguém - PULE PARA VIVÊNCIAS IV
- 8. Sem resposta

34 Quem é essa pessoa?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Mãe/mãe adotiva
- 2. Pai/pai adotivo
- 3. Esposo(a), companheiro(a)
- 4. Namorado(a), noivo(a)
- 5. Amigo(a)(s)
- 6. Colega de turma
- 7. Estudante da universidade
- 8. Professor(a)
- 9. Funcionário(a) da universidade
- 10. Sem resposta

Outro: _____

35 Você diria que isso aconteceu: (1) Uma vez; (2) Poucas vezes; (3) Várias vezes; (4) Muitas vezes; (5) Nunca

Por favor escolha uma resposta apropriada para cada item:

- | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|-----------------------|---|
| 1. Nos últimos 12 meses | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
| 2. Antes dos últimos 12 meses | <input type="radio"/> | 1 | <input type="radio"/> | 2 | <input type="radio"/> | 3 | <input type="radio"/> | 4 | <input type="radio"/> | 5 |
-

36 Onde isso aconteceu?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Em minha casa
- 2. Na casa de meus pais
- 3. Na casa do(a) meu(minha) namorado(a), noivo(a)
- 4. Na república onde moro
- 5. Na moradia
- 6. Na casa de amigos
- 7. Na rua
- 8. Em bar/casa noturna
- 9. No próprio campus da universidade
- 10. Na sala de aula
- 11. No trabalho
- 12. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS IV

37 Você considera que sofreu algum tipo de violência antes de seu ingresso na universidade?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO

38 Você considera que sofreu algum tipo de violência depois de seu ingresso na universidade?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO

39 Você tem medo de alguém próximo a você? De quem?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Não tenho medo de ninguém.
- 2. Mãe/mãe adotiva
- 3. Pai/pai adotivo
- 4. Esposo(a), companheiro(a)
- 5. Namorado(a); noivo(a)
- 6. Amigo(a) (s)
- 7. Colega de turma
- 8. Estudante da universidade
- 9. Professor(a)
- 10. Funcionário(a) da universidade
- 11. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS V

40 Desde seu ingresso na Universidade, você alguma vez:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Insultou ou fez com que alguém se sentisse mal a respeito de si mesma(o)
 - 2. Depreciou ou humilhou alguém diante de outras pessoas
 - 3. Fez coisas para assustar ou intimidar alguém de propósito (Por ex.: a forma como
-

você o(a) olha, como grita, como quebra coisas/objetos pessoais)

- o 4. Ameaçou machucar alguém ou algo de que essa pessoa gostava
- o 5. Não fiz coisas assim com ninguém - PULE PARA VIVÊNCIAS VI
- o 6. Sem resposta

Outro: _____

41 Quem era esse alguém?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Esposo(a); companheiro(a)
- o 2. Namorado(a), noivo(a)
- o 3. Amigo(a)(s)
- o 4. Colega de turma
- o 5. Estudante da universidade
- o 6. Professor(a)
- o 7. Funcionário(a) da universidade
- o 8. Sem resposta

Outro: _____

42 Essa(s) pessoa(s) era(m) homem ou mulher?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Homem
- o 2. Mulher
- o 3. Sem resposta

Outro: _____

43 Onde isso aconteceu?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Em minha casa
- o 2. Na casa de meus pais
- o 3. Na casa do(a) meu(minha) namorado(a), noivo(a)
- o 4. Na república onde moro
- o 5. Na moradia
- o 6. Na casa de amigos
- o 7. Na rua
- o 8. Em bar/casa noturna
- o 9. No próprio campus da universidade
- o 10. Na sala de aula
- o 11. No trabalho
- o 12. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS VI

44 Desde seu ingresso na Universidade, você alguma vez:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- o 1. Deu um tapa ou jogou algo em alguém que poderia machucá-lo(a)
 - o 2. Empurrou ou deu um tranco/ chacoalhão em alguém
 - o 3. Machucou alguém com um soco ou com algum objeto
 - o 4. Deu um chute, arrastou ou surrou alguém
 - o 5. Estrangulou ou queimou alguém de propósito
 - o 6. Ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra alguém
 - o 7. Não fiz coisas assim com ninguém - PULE PARA VIVÊNCIAS VII
-

-
8. Sem resposta

Outro: _____

45 Quem era esse alguém?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

1. Esposo(a); companheiro(a)
 2. Namorado(a), noivo(a)
 3. Amigo(a)(s)
 4. Colega de turma
 5. Estudante da universidade
 6. Professor(a)
 7. Funcionário(a) da universidade
 8. Sem resposta

Outro: _____

46 Esse alguém era homem ou mulher?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

1. Homem
 2. Mulher
 3. Sem resposta

Outro: _____

47 Onde isso aconteceu?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

1. Em minha casa
 2. Na casa de meus pais
 3. Na casa do namorado(a), noivo(a)
 4. Na república onde moro
 5. Na moradia
 6. Na casa de amigos
 7. Na rua
 8. Em bar/casa noturna
 9. No próprio campus da universidade
 10. Na sala de aula
 11. No trabalho
 12. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS VII

48 Desde seu ingresso na Universidade, você alguma vez:

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

1. Forçou fisicamente alguém a manter relações sexuais quando essa pessoa não queria
 2. Alguém teve relação sexual com você porque estava com medo do que você pudesse fazer
 3. Alguém teve relação sexual com você apesar de não querer porque achava que é um direito seu
 4. Você já forçou alguém a manter uma prática sexual degradante ou humilhante
 5. Combinou que usaria camisinha e na hora da relação não cumpriu o combinado
 6. Recusou-se a usar camisinha durante a relação sexual
 7. Não fiz coisas assim com ninguém - PULE PARA VIVÊNCIAS VIII
 8. Sem resposta

Outro: _____

49 Quem era esse alguém?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Esposo(a); companheiro(a)
- 2. Namorado(a), noivo(a)
- 3. Amigo(a)(s)
- 4. Colega de turma
- 5. Estudante da universidade
- 6. Professor(a)
- 7. Funcionário(a) da universidade
- 8. Sem resposta

Outro: _____

50 Essa pessoa era homem ou mulher?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Homem
- 2. Mulher
- 3. Sem resposta

Outro: _____

51 Onde isso aconteceu?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Em casa
- 2. Na casa de meus pais
- 3. Na casa do namorado(a), noivo(a)
- 4. Na república onde moro
- 5. Na moradia
- 6. Na casa de amigos
- 7. Na rua
- 8. Em bar/casa noturna
- 9. No próprio campus da universidade
- 10. Na sala de aula
- 11. No trabalho
- 12. Sem resposta

Outro: _____

VIVÊNCIAS VIII

52 Você tem contato com alguém que vem sendo agredido(a)?

Escolha *apenas uma* das opções seguintes:

- 1. SIM
- 2. NÃO - PULE PARA ÚLTIMA PERGUNTA
- Outro: _____

53 Quem é o(a) agredido(a)?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Mãe/mãe adotiva do agressor
 - 2. Pai/pai adotivo do agressor
 - 3. Esposo(a), companheiro(a) do agressor
 - 4. Namorado(a); noivo(a) do agressor
 - 5. Amigo(a)(s) do agressor
 - 6. Colega de turma do agressor
 - 7. Estudante da universidade
 - 8. Professor(a)
-

-
- 9. Funcionário(a) da universidade
 - 10. Sem resposta

Outro: _____

54 Quem é o(a) agressor(a)?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Mãe/mãe adotiva do agredido
- 2. Pai/pai adotivo do agredido
- 3. Esposo(a), companheiro(a) do agredido
- 4. Namorado(a); noivo(a) do agredido
- 5. Amigo(a)(s) do agredido
- 6. Colega de turma do agredido
- 7. Estudante da universidade
- 8. Professor(a)
- 9. Funcionário(a) da universidade
- 10. Sem resposta

Outro: _____

55 Onde isso acontece?

Por favor escolha *todas* as que se aplicam:

- 1. Não sei
- 2. Na casa do agredido
- 3. Na casa do agressor
- 4. Na casa dos pais do agredido
- 5. Na casa do(a) namorado(a), noivo(a) do agredido
- 6. Na república onde o agredido mora
- 7. Na república onde o agressor mora
- 8. Na moradia
- 9. Na casa de amigos do agredido
- 10. Na rua
- 11. Em bar/casa noturna
- 12. No próprio campus da universidade
- 13. Na sala de aula
- 14. No trabalho
- 15. Sem resposta

Outro: _____

56 Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Por favor escreva aqui a sua resposta:

Submeter o seu Questionário

Obrigado por ter preenchido este questionário.

6.3. Anexo 3 – Parecer da Comissão de Pesquisa do Departamento de Tocoginecologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM) da Universidade Estadual de Campinas



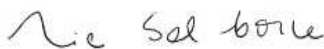
Comissão de Pesquisa do DTG / CAISM

Campinas, 26 de setembro de 2008

Protocolo nº: 052/2008


O protocolo de pesquisa "*Percepção e prática de violência de gênero entre alunos de uma universidade paulista*" dos pesquisadores Vilma Maria Zotareli, Prof. Dr. Aníbal Faúndes, Dra. Maria José Duarte Osis foi aprovado pela Comissão de Pesquisa do DTG/CAISM em 25/09/2008.

Atenciosamente,


Prof. Dra. Ellen Hardy
Presidenta

Rua Alexander Flemming, n.º101 – Cidade Universitária Zeferino Vaz – Campinas-SP
Fone: (19) 3521-9402
comissaopesquisa@caism.unicamp.br

6.4. Anexo 4 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

	FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
	www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html
CEP, 21/10/08. (Grupo III)	
PARECER CEP: N° 841/2008 (Este n° deve ser citado nas correspondências referente a este projeto) CAAE: 3615.0.000.146-08	
I - IDENTIFICAÇÃO:	
PROJETO: “PERCEPÇÃO E PRÁTICA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO ENTRE ALUNOS DE UMA UNIVERSIDADE PAULISTA”. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Vilma Maria Zotareli Prette INSTITUIÇÃO: CEMICAMP APRESENTAÇÃO AO CEP: 10/10/2008 APRESENTAR RELATÓRIO EM: 21/10/09 (O formulário encontra-se no site acima)	
II - OBJETIVOS	
Avaliar a prevalência de violência de gênero e sexual e a associação entre atitude quanto a questões de gênero e de ética, percepção sobre o que é violência, e a experiência de sofrer e perpetrar violência de gênero e sexual, entre alunos de graduação de uma universidade paulista.	
III - SUMÁRIO	
Estudo descritivo de corte transversal que fará análise secundária dos dados da pesquisa “Frequência e características da violência inter-pessoal entre os alunos de graduação de uma universidade paulista”. Na pesquisa original, os universitários responderam um questionário estruturado e pré-testado diretamente em arquivo computadorizado. Os dados para a pesquisa original foram coletados e armazenados por meio do programa de computador LimeSurvey (LimeSurvey 1.49RC3), um software livre. Após encerrar a coleta, o banco de dados foi exportado para o EXCEL e em seguida para o SPSS-PC, quando foram realizadas checagens para identificar e corrigir possíveis erros lógicos. A partir do banco de dados da pesquisa original será constituído um outro com os dados referentes às variáveis de interesse para este estudo: independentes – atitude quanto às questões de gênero e atitude ética em relação a si, ao outro e à comunidade universitária; dependentes – percepção sobre violência em geral, percepção sobre violência sexual, vivência de situações de violência emocional, vivência de situações de violência física, vivência de situações de violência sexual e reconhecimento de ser perpetrador de violência e contra quem; como variáveis de controle serão incluídas características sociodemográficas dos respondentes.	
IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES	
O projeto apresenta-se bem redigido, com objetivos bem definidos e claros. A metodologia está descrita com detalhe e clareza. Cálculo do tamanho amostral e análise estatística embasados por cálculos estatísticos. Solicita dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pois fará análise secundária dos dados de uma pesquisa já em andamento:	
Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 Caixa Postal 6111 13084-971 Campinas – SP	FONE (019) 3521-8936 FAX (019) 3521-7187 cep@fcm.unicamp.br



("Frequência e características da violência inter-pessoal entre os alunos de graduação de uma universidade paulista"- aprovada pelo CEP da FCM da UNICAMP em dezembro de 2007).
Orçamento claro e justificado. Consideramos o projeto adequado a esse tipo de estudo.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado a dispensa do Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na X Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 21 de outubro de 2008.


Prof. Dra. Carmem Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP